

THE ROOM IS CROWDED

she couldn't
suppress
her
excitement

Só Acredito em Milagres

I Only Believe in Miracles

Vítor Pomar





Só Acredito em Milagres

I Only Believe in Miracles

Vítor Pomar

1 de Fevereiro a 6 de Abril 2008



FUNDAÇÃO D. LUÍS I

Conselho de Administração

Presidente

António d'Orey Capucho

Vice-Presidente

Ana Clara Justino

Administrador-Delegado

Salvato Telles de Menezes

Administradores

José Nunes Pereira

António Ramos dos Santos Figueiredo

Artur Viana Ribeiro

Fernando José Nunes Garcia

Director Executivo

Júlio Conrado

Não sendo muito vulgar a realização, entre nós, de exposições do tipo da que nos é proposta por Vítor Pomar, registre-se a abertura com que a entidade responsável pela programação de artes plásticas do Centro Cultural de Cascais, a Fundação D. Luís I, acolheu esta proposta marcada pela inovação e pela ousadia formal. Com efeito, sendo obrigação de um Centro Cultural com as características do nosso proporcionar aos munícipes manifestações artísticas que primem pela diversidade e pela autonomia das formas de expressão, faz todo o sentido apresentar um trabalho diferente, porventura perturbador, seguramente pouco académico, num quadro de conciliação das artes favorável à apresentação de várias das suas sensibilidades.

É pois com este espírito de valorização do direito à diferença que saúdo a vinda a Cascais de um artista da qualidade de Vítor Pomar, demonstração cabal de que tradicionalismo e modernidade podem ser igualmente importantes na nossa preocupação de corresponder aos gostos estéticos dos vários públicos do Concelho.

Só Acredito em Milagres, uma instalação da autoria de um artista cuja formação ético-religiosa o afasta dos padrões ocidentais, constituirá, sem dúvida, uma alternativa estimulante ao conjunto de iniciativas, rico de opções, previsto para o Centro Cultural de Cascais em 2008.

António d' Orey Capucho
Presidente da Fundação D. Luís I

FILMOGRAFIA (selecção)

R, 1974-78

16 mm, p/b, som, 100'

Realização e montagem: Vítor Pomar

Participação: Heiner Holtapels e Claus Boegel; Fabienne e Odilon de Quasa Riera Ayats; Teresa Vaz da Silva.

Texto: poema de Hezy Leskly.

Música: 1. John Lee (contrabaixo), Henny Vonk (voz e percussão), Rob v d Broek (teclas); 2. Rui Calapez (composição e percussão), Teresa (voz); 3. Han Bennink (percussão, saxofone soprano e tambores de parada).

My Education/ A Minha Educação, 1974-1980

16 mm, p/b, som, c. 45'

Realização e montagem: Vítor Pomar

Participação: Heiner Holtapels e Claus Boegel; Fabienne e Odilon de Quasa Riera Ayats; Teresa Vaz da Silva

Textos: Diário de Kafka e poema de Hezy Leskly

Música: 1. John Lee (contrabaixo), Henny Vonk (voz e percussão), Rob v d Broek (teclas); 2. Rui Calapez (composição e percussão), Teresa (voz); 3. Han Bennink (percussão, saxofone soprano e tambores de parada)

Musician's Portrait/Retrato de Músico, 1979

16 mm, p/b, som, c. 45'

Realização e montagem: Vítor Pomar

Assistente de realização: Pieter Jan Smit

Assistente de câmara: Paul Hosek

Som: Matijs Blonk

Participação: Lari Fishkind (tuba), Antonello Salis (piano), Sean Bergin (saxofone soprano), Roberto Bellatalla (contrabaixo), Tristan Honsinger (violino)

Zen Sermon I / Sermão Zen I, 1984

Super 8 mm, cor, som, 22'

Bailarina: Annelies van Dooren

Texto: Manzan (1635-1714, Soto)

Voz: Eduardo Sotillo

Mistura de Som: estúdio Steim, Amsterdão

Zen Sermon II / Sermão Zen II, 1972 - 2003

Super 8 transferido para DVD, cor, som, 90'

Texto: "Folhas caem, um novo rebento" ("Falling leaves, a shooting sprout") de Hôgen Yamahata, ed. Assírio & Alvim

Voz e adaptação: Vítor Pomar

Life Story/ "História de uma Vida", 1996-

Vídeo (c. de 80')

MiniDV transferido para DVD, cor, som, 75'

Texto: Keith Dowman, HH/SS XIV Dalai Lama, Judith Simmer-Brown, Roberto Calasso

Vozes: Vítor Pomar, Fátima Rosado, Priit Velmr, Anita Nuazuri.

MICROPRÁTICAS: Nada de especial/ Micropractices: Nothing Special, 2005

MiniDV, cor, 30'

Welcome to Tibet Holyland (notas de uma peregrinação ao Monte Kailash), 2007

Director da expedição Keith Dowman 24 de Agosto a 6 de Setembro 2007

MiniDV, cor, 57'

SEBASTIÃO & ÁGATA

“Estou a instruir-me acerca dos caminhos da santidade. Isto não é para rir. Não sou piedoso; estou a examinar os caminhos da santidade para ver se é possível percorrê-los de automóvel!”

in “O Homem Sem Qualidades”, de Robert Musil

Documenta a vivência social que marca a inauguração das instalações renovadas do Museu Grão Vasco em Viseu, e utiliza a convivência com um dos quadros mais preciosos da colecção, a saber, o martírio de São Sebastião, como contraponto e interrogação da experiência mística tal como é conhecida na cultura ocidental. Esta interrogação é expressa num texto adaptado da obra “O Homem Sem Qualidades”, de Robert Musil, lido em voz off, na sua versão original e legendado em português. Tem uma duração de cerca de 22 minutos.

Participação especial: Eglantina Monteiro e Dalila Rodrigues;

Voz: Catarina Molder; registo e montagem do som: Afonso Melo; vídeo editing e legendagem: Vasco Braga Santos.

MAHAKARUNA

“Mahakaruna” significa em sânscrito ‘grande compaixão’. Não se trata de uma designação com um valor quantitativo mas sim da equiparação da prática compassiva, no seu sentido mais profundo, com a realização da sabedoria entendida como “shunyata” ou vacuidade. Só uma tal compreensão permite o acesso à razão de ser da actividade do mestre Daniel Odier, aqui documentada durante a sua primeira visita a Portugal.

Com uma duração de 51’30”, o registo realizado durante o estágio que então teve lugar na Serra de Monchique, num centro de meditação conhecido pelo nome de “Karuna”, procura fazer um retrato do mestre e dar a conhecer alguns aspectos do seu ensinamento. São três as tradições orientais, todas elas caracterizadas por um despojamento extremo, que estão na origem deste ensinamento: o Chan chinês, o Mahamudra, oriundo do budismo tibetano e finalmente o tantra

cachemiriano em que é manifesta a integração da vivência física na prática espiritual. Salienta-se que, embora fortemente enraizado numa linhagem, transmissões e textos que vêm desde o séc. XII, o formato dos estágios assim como os métodos de prática e ensinamento adoptados pelo mestre sofrem constantes transformações de modo a responderem às condições actuais, às circunstancias de cada estágio e ainda à capacidade dos participantes.

O RISO DO HERUKA ou as doze risadas vajra

O terceiro e último episódio desta trilogia é constituído por um longo discurso em que o mestre comenta um texto em cuja tradução directa do tibetano tem vindo a trabalhar.

Registado num espaço exterior durante um estágio que teve lugar na Grécia, algures a cerca de uma hora de viagem de Atenas e com a duração de nove dias, compõe-se de um longo estrato de um registo que tem a duração total de cerca de 10 horas.

Heruka, literalmente ‘que bebe o sangue (do ego)’, é uma manifestação irada do Buda da Sabedoria, Manjushri. Por doze vezes estala o riso do Heruka perante cada uma das facetas da ilusão por ele desmanteladas. Até a meditação convencional é denunciada como sendo ‘fabricada’, por oposição ao estado natural do espírito em contemplação da sua própria natureza, constituindo assim uma ardilosa tentação capaz de seduzir qualquer Buda...

Keith Dowman vive em Katmandu desde há mais de trinta anos e é autor de inúmeras traduções comentadas de textos tibetanos sobretudo relativos ao Dzogchen ou ‘Perfeição Natural’, uma das mais fascinantes escolas oriundas do budismo tibetano mas que apresenta uma perfeita sintonia com o Zen e o Chan, assim como com o tantra cachemiriano, podendo-se ainda estabelecer ligações históricas e filosóficas com a escola mística do sufismo islâmico.

Para uma mais completa introdução ao trabalho dos mestres aqui referidos podem ser consultadas as respectivas páginas na Internet: danielodier.com e keithdowman.net

HÁ UM ABISMO ENTRE DOIS *FRAMES*

Tenho à minha frente um trabalho de Vítor Pomar que é composto por duas fotografias de uma mulher que acorda. Na primeira imagem ela está na cama de olhos fechados; na segunda imagem, por baixo da primeira, ela está na mesma posição, de olhos abertos. Como *Le Christ Aux Anges*, de Manet, é uma imagem fílmica e que retrata um momento temporalmente impossível, o da passagem entre o sono e a vigília, um espaço liminal que fica entre as duas imagens.

Escrevi um dia, a terminar um texto que em tempos publiquei sobre a obra de Vítor Pomar que “A dificuldade é que (para Pomar), *rewind* e *fast forward* são a mesma coisa, porque nalgum ponto se poderão encontrar. E ver é sempre reconhecer. Ou não.” Esta é, acrescento agora, a questão da sua obra fílmica, sobretudo nas primeiras obras, nomeadamente em “R” e “Retratos”.

Quando agora reli estas linhas, propondo-me escrever novamente sobre a sua obra, agora sobre trabalhos fílmicos, pareceu-me que poderia tê-las escrito outra vez, o que nem sempre acontece quando escrevemos sobre o trabalho de um artista. Ou porque a obra se metamorfoseia com o tempo, ou porque nós próprios vamos alterando o nosso ponto de vista, ou porque o tempo pede outros discursos, outros léxicos o que é certo é que a maneira como uma determinada produção artística lida com a passagem do tempo é sempre plástica e volúvel. Não é o caso com o percurso de Vítor Pomar. Já também escrevi, há muitos anos, que o seu trabalho possui uma estranha qualidade: em cada momento parece poder conter todo o seu desenvolvimento futuro, o que não corresponde a dizer que, em cada momento do seu trabalho existe uma contracção do passado, mas que há, pelo contrário, uma potência de futuro em tudo o que tem vindo a fazer e a mostrar.

No caso da sua produção de imagens em movimento, quer trabalhos fílmicos, quer videográficos, tudo parece estar já contido nas primeiras obras que produziu neste campo, nomeadamente nas peças que efectuou na Holanda, quando aí viveu, de 1970 a 1985. De facto, trata-se de filmes de uma tipologia específica, a que habitualmente se chama experimentais (à falta de melhor nomenclatura), o que designa uma possibilidade de tornar imanente uma hiper-consciência dos próprios processos do cinema.

Neste campo, possivelmente o trabalho de Vítor Pomar é o resultado de um profundo conhecimento, à altura de produção das primeiras obras, do trabalho de Michael Snow, Stan Brackage, Jonas Mekas ou Chris Marker, entre outros, mas que, no entanto, dá lugar a uma produção original e que se relaciona com os restantes aspectos do seu trabalho (a pintura, a fotografia e, ocasionalmente, a escultura) de forma particularmente interessante.

A primeira questão que os seus trabalhos mais recuados suscitam é a da definição de um lugar. Curiosamente, essa questão tem um eco paradoxal na sua pintura. Começamos pelo filme em três partes “R”, de 1974/77. Filmado em 16 mm, começa com um mapeamento do ateliê realizado a partir de uma sucessão de fotografias que passam a um ritmo regular, cada 8 segundos. Este primeiro capítulo, intitulado *Crush Proof Box*, centra-se em detalhes do estúdio (a ombreira da porta, um espelho partido, um fragmento de uma pintura em execução) para definir um campo de referências espaciais que transformam o filme numa pesquisa escultórica, vivencial e dramática em torno da arena a que Vítor Pomar chamaria, mais tarde, “o seu próprio campo de batalha”. De facto, a marca mais imediata do filme é o seu carácter sincopado (derivado da sua construção fotográfica), mas também a atenção fragmentar que dirige ao espaço, funcionando de uma forma muito próxima em relação ao *modus operandi* da fotografia que Pomar faria no México (embora aqui num registo mais claramente antropológico) e, sobretudo, em Nova Iorque. Nestas últimas, a atenção dirigida em relação a pequenos detalhes do espaço urbano – uma rampa de acesso para automóveis, a esquina do passeio, os alçapões das caves em Manhattan –, definem o espaço, não só em termos afectivos, mas em termos directamente escultóricos. O mesmo se passa com *Crush Proof Box*, o ateliê convertido em negativo de uma enorme escultura, com ecos de Schwitters a ressoar nos vectores que atravessam o espaço e o configuram como um território, um campo afectivo e

uma unidade exploratória. Curiosamente, a passagem da pintura da parede para o chão no período posterior a setenta e sete e a relação entre totalidade e fragmento (já que as pinturas eram realizadas como um todo no solo, posteriormente fragmentado, retalhado e re-apresentado como unidades individuais), possui uma estranha antevisão na relação com o espaço do estúdio clivado em planos fixos, rítmica e regularmente substituídos, numa ocasião intermeados com imagens de postais de Florença, também ela uma cidade fechada em si mesma. O segundo capítulo da “R” apresenta uma filmagem de um touro, na lezíria, zigzagueando entre as barreiras que lhe tolhem a absoluta liberdade. De facto, o filme é um apontamento de auto-representação porque se define a partir de um lugar, de um campo, desenhado pelo movimento do animal, como se se tratasse de uma outra versão do espaço de ateliê. A tensão que o filme gera é sobreposta a uma outra sequência de imagens, a de dois corpos masculinos que se entrelaçam. Se bem que o filme possua uma qualidade sexual – o que está patente na presença do touro encapsulado em putativa liberdade, bem como no contacto entre os corpos masculinos – existe um elemento pré-clássico, um ambiente órfico que se lhe sobrepõe na excessiva presença do corpo. Num certo sentido, a justaposição entre o mapeamento do estúdio e a prisão do corpo na proximidade da vedação ou de outro corpo (portanto de um limite) impõe-se em relação ao elemento sexual, fazendo uma apologia do nascimento da estética, nesse ponto fino que Roberto Calasso define em “As Núpcias de Cadmo e Harmonia”. O título deste segundo capítulo, “Handle with care”, remete precisamente para a delicadeza da violência e da contenção, para a tensão entre a fragilidade e a brutalidade que se inscreve na massa do animal em movimento. Finalmente o terceiro capítulo remete para a questão do tempo usando uma tipologia clássica da pintura – o retrato. O filme descreve-se de uma forma muito simples: trata-se de planos fixos de rostos de mulheres cobertos com argila, filmados até que a máscara de argila seca e se transforma num mapa de fendas e gretas. Trata-se, portanto, de uma máquina do tempo, de um acelerador da passagem do tempo sobre o corpo, mas também de um discurso sobre a máscara, sobre metamorfose da persona – o que corresponde precisamente à forma como Vítor Pomar veio a trabalhar a pintura no período entre setenta e sete e oitenta e quatro, aqui entendendo a *persona* como o autor que se dilui – sendo essa metamorfose o foco de autoria.

Os “Retratos”, ao contrário de “R”, são um conjunto de planos fixos de músicos que se apresentam. Resultado das suas diferentes personalidades e processos criativos, os músicos (cada um por sua vez, acompanhados só pelo seu instrumento) *performance* para a câmara. De facto estão a *performar-se* enquanto subjectividades diversas e autónomas, mas também a representar o Jazz, a improvisação, o instrumentista, o músico. Estão a corporalizar uma ideia de música como campo de possibilidades e de *performance* como demonstração. Raramente se pode ver um filme (tão *bataillanamente* etnográfico) que, por processos tão simples, consiga concentrar o problema da subjectividade do processo criativo de forma tão intensa.

Por isso, os filmes de Vítor Pomar, mesmo quando posteriormente se convertem em vídeo, com uma menor economia temporal que a própria tecnologia permite, são sempre *demos* de uma performatividade de alguém que se apresenta: de quem executa uma tarefa, lê um texto, toca um trecho de música, circula por um lugar.

Como sempre, acredito que tudo está contido nesses filmes do início do seu percurso: o corpo sem culpa, o lugar como prisão e possibilidade, o processo criativo como exercício de subjectividade radical e uma precisa noção de que a escala é mais íntima relação entre tangibilidades espaciais.

Como o tempo impossível entre o sono e a vigília, a aguda consciência do valor do tempo – e simultaneamente a sua indiferença como sucessão ou progresso – é a matéria de trabalho de Vítor Pomar.

Nesses espaços intersticiais haveremos de encontrar um abismo.

Delfim Sardo



WELCOME TO TIBET HOLYLAND

Notas duma peregrinação ao Monte Kailash

Director da expedição: Keith Dowman

14 Agosto / 6 Setembro 2007

Duração: 57 min.

1. Claro que a visão última do *Dzogchen* não faz distinção entre obstáculos e não obstáculos. Tudo o que surge na mente tem o mesmo potencial de iluminação. A consciência inerente a cada percepção interior ou exterior é idêntica, é a natureza da mente, é *rigpa*. No processo do reconhecimento das emoções como natureza da mente, há uma certa libertação de energia. No processo do reconhecimento das emoções negativas como pura consciência, há uma libertação de energia e essa energia é uma dinâmica da mente. E por ser entendida como consciência pura, é um brilho, um brilho luminoso positivo. A emoção é algo não exactamente desejável mas certamente aceitável, totalmente aceitável. Isto aplica-se a todas as emoções.

Normalmente, no budismo, identificamos simplesmente cinco síndromas particulares como emoções. O ódio, o desejo, o orgulho, a inveja e o medo. As emoções positivas pertencem de facto a outra categoria. É nessas cinco, no reconhecimento da sua natureza como pura e clara motivação compassiva, é nesse reconhecimento que *rigpa* se situa.

No Ati ioga não se faz distinção entre as sabedorias. Há apenas uma sabedoria que é a própria consciência pristina.

2. Ontem tivemos um dia muito bom como terminal da *kora* digamos como consumação da *kora*, o completar do círculo da *kora*.

Foi um pouco extenuante, com a chuva e o vento. Tivemos um par de incidentes no último dia. Mas sobre o lago da consciência e a montanha dos meios hábeis, houve o arco-íris e a gruta de Guru Rinpoche, ícones do Guru e o banho no lago, a vibração muito alta e satisfatória, havia um certo grau de encerramento.

Na parte principal da peregrinação, sim claro, a ida e a vinda também foi importante, mas essas acções à volta do Monte Kailash e no Lago Manarasovar foram muito satisfatórias.

Significados diferentes para pessoas diferentes. Claro que não procuramos impor um mesmo padrão a todos os participantes.

Pessoas diferentes tiram coisas diferentes e claro que tinham expectativas diferentes. Contornaram a montanha fisicamente e isto não é para subestimar a experiência física. Claro que é uma experiência unitária quando se olha a partir do corpo, energia e mente.

Não sei se é transformativa. Prefiro a noção de formativa. Vês-te a ti próprio como um peregrino ou como combatente numa busca, ou como um *boddhisattva* ou como um iogui e este tipo de experiência confirma essa visão de si próprio, não necessariamente de uma elevada budeidade mas confirma um certo nível de *boddhisattva* por exemplo.

Mas a própria peregrinação é capaz de desintegrar o paradigma dualista. E se isso ocorreu na mente de alguns dos participantes, isso teria sido fantástico



e seria um produto muito positivo porque então teriam a intuição da não-dualidade do *Dzogchen*.

Gosto daquela analogia de René Dumal, suponho, de que a iluminação ou a realização é a chegada ao ponto de partida e reconhece-o pela primeira vez... ou seria T. S. Eliot?

Obrigatoriamente, tem lugar esta união entre o físico e o espiritual, e esse foi o objectivo que desde o início procurámos atingir. Desde a chegada a Lhasa havia uma unidade entre os acontecimentos e desventuras da vida corrente e a vida espiritual, uma não separação destas duas coisas. Qualquer tipo de vida espiritual que se pode separar da ronda do dia a dia deve ser eliminada.

Uma vez conhecida a identidade entre consciência e forma, numa experiência sem forma, então podemos fazer isso em qualquer lado. Não importa que seja o Tibete ou Nova Iorque, é ainda o mesmo tipo de experiência humana, não pode ser diferente. Tens uma realização neste ambiente totalmente estranho, libertas-te dos teus hábitos antigos, voltas ao ambiente antigo e nada mudou.

Porque é que o sadú ou o monge budista perde o nome, perde a família, perde toda a história familiar, e a história social, e vai para a gruta para se libertar de todo esse condicionamento?

Eu disse afirmativa e se isso pudesse incluir algum sentido da consciência do antigo ambiente, então valeria a pena.

3. Transformativa: isso não significa necessariamente uma mudança total do ambiente. Transformativo, quer dizer transformação da escuridão em luz, ou da estupidez em alguma atenção e consciência, ou da ignorância em sabedoria. Melhor assim.

Penso que há muitos aspectos, mas provavelmente aquele que estava mais perto da minha ideia como sentido desta peregrinação a Kailash, era a relação com a morte. A subida a Drolma-la como uma reflexão da experiência da morte. A peregrinação como entrada no bardo.

Podemos ter essa experiência em vários lugares mas a peregrinação estende-se ao longo de dias e atravessa vários níveis e estádios. Deste modo é como uma experiência de quase morte em que o nosso karma nos assoma. Tudo o que vem à mente durante esses dias, em particular nos momentos de completa exaustão, tudo o que surge na mente sem qualquer controle nem filtro, é como um ressurgimento kármico e reflexões acerca da nossa vida.

P: Como devemos tratar esses surgimentos kármicos?

– Do mesmo modo que tratamos tudo o resto: sempre observando a natureza da mente, essa é a única instrução, sem qualquer inibição ou cultivo, simplesmente observar tudo que surge na sua mais pura natureza. Essa é a instrução para a vida, para a morte, para a meditação, para o bardo, em toda e qualquer situação, e também na peregrinação.



4. Na visão de 360 graus não há sombra. É a visão da plenitude, é a visão da realização. Suponho que a panorâmica de 360 graus é um paradigma disso, excepto que a realidade está em constante mudança.

É o que chamo de *Dzogchen* radical.

Acho que no seu '*Neluk Dzo*', Longchen Rabjampa reuniu os versos, os preceitos que, do modo mais claro e incisivo, indicam a natureza não-dual da realização *Dzogchen*. No 'Voo do Garuda' há versos maravilhosos mas é uma preparação, um texto introdutório, não algo que dê o lung... completo.

Pode haver outros textos que tenham a mesma força do '*Neluk Dzo*', mas foi este que eu encontrei e em que trabalhei.

No que se refere a Vairotsana, sim, esses versos... O que apareceu àqueles tibetanos do século VIII como preponderante em todas aquelas escrituras que vieram da Índia... de facto subjugou a realidade deles no sentido do seu aperfeiçoamento.

Pode haver alguma disciplina, alguma dialéctica ou maneira de pensar ou de argumentar de que o homem se apercebeu em alguma expressão civilizacional que seja semelhante ao *Dzogchen* ou que preencha uma função semelhante. O *Dzogchen* é o que nós temos aqui e que nos foi dado como uma tradição viva pelos lamas do Tibete no século XX e com o que podemos trabalhar. Este é o facto mais significativo acerca do *Dzogchen*.

Penso que neste período do aparecimento do *Dzogchen*, nos últimos 30-40 anos, a maior necessidade foi traduzir dos textos fundamentais, mais do que a expressão subjectiva duma mente limitada vinda de outra cultura. Claro

que houve alguma intervenção durante a tradução do texto, essa é uma outra questão, mas é importante poder mostrar o que é o *Dzogchen*, de maneira muito próxima do original. A próxima geração pode começar a renová-lo de acordo com as necessidades culturais e outros meios linguísticos.

Talvez não devamos subestimar o grau de interpretação subjectiva presente na tradução, particularmente numa língua como o tibetano ou o chinês. Já não é assim em sânscrito nem em outras línguas indo-europeias, não são tão abertas a essa espécie de interpretação subjectiva. Outros tradutores verão muito de mim nas minhas traduções que não estava no original.



5. P: Acha que a situação em Israel proporciona uma visão dos ensinamentos e da prática mais intensa? Tem algum significado especial para si, o facto de ir lá ensinar?

– Suponho que sim a um nível conceptual. Foi a tradição judaico-cristã que criou tanta miséria à custa do seu dualismo.

Essa é uma questão para uma discussão mais ampla. Quando estamos em Israel falamos com gente comum, ocupada com as suas vidas, não vão todos os dias para Gaza a disparar contra os árabes, estão ocupados com as suas vidas tal como nós na Europa. É esse o contexto em que ensino lá. Em geral vou aonde sou convidado [a ensinar]. As pessoas não são projectadas para o budismo apenas pela intensidade da consciência da natureza da realidade criada pelo conflito. Não penso que isso aconteça. Pelo contrário protegem-se nas suas pequenas grutas dogmáticas...

6. Reconheço que o extracto social que conheci no México era o mais fino segmento de toda a pirâmide social e este extracto é vanguardista, intelectual, muito consciente, libertando-se das raízes cristãs, cultivado. Eu procuro ver para além desse pequeno segmento e aceder a uma mais ampla mentalidade cultura e consciência, o que é muito interessante. Há aí uma vitalidade de que os mexicanos devem estar conscientes. Os europeus que vêm ao México apercebem-se de algo que os mexicanos não tem consciência devido à mistura cultural, a infiltração da antiga civilização pela modernidade colonial europeia. É muito excitante para alguém que chega de fora.

Não sei se o *Dzogchen* é, na sua forma original tibetana, bastante largo para tocar um grande segmento da sociedade mexicana. Penso que o que se passará no México vai ser a assimilação de algumas raízes índias, num modo muito mais viável, mais do que este puro *Dzogchen Ati Yoga*. Penso na assimilação da experiência psicotrópica dentro de toda a experiência religiosa do budismo, no contexto budista. Mas isto é claro que é muito controverso. Embora muito interessante e bastante excitante.

O budismo mexicano precisa de se separar do budismo americano, europeu e asiático. Precisa de desenvolver as suas próprias formas. Não vai ser fácil porque será constantemente bombardeado do exterior pelas outras versões.

Porque é que os mosquitos desapareceram?
Apenas algumas pingas de chuva e foram-se?



SEBASTIÃO & ÁGATA

1.

Era como que um tormento, e no entanto seria preferível dizer-se doçura em lugar de tormento, porque a isto não vinha misturar-se qualquer incômodo, mas sim um bem-estar raro e absolutamente sobrenatural.

Então ouvi sem haver som, vi então sem haver luz.

Depois o meu coração deixou de ter fundo, o meu espírito, forma, a minha natureza essência.

O outrora eu estava encarcerado, depois fui tirado de dentro de mim e, sem dar por isso, abismado em Deus.

Um clarão super abundante.

Uma extensão infinita, um infinito reino de luz.

Uma unidade flutuante do mundo e dos poderes da alma.

Um maravilhoso e indescritível ímpeto do coração.

Gotas de fogo caindo sobre o Mundo.

Um esquecimento absoluto, uma abolição das coisas.

Um repouso imenso, isento de qualquer espécie de paixão.

Um súbito mutismo.

Um ocaso dos pensamentos e das intenções.

Uma cegueira na qual vêem claramente, uma claridade em que estão mortos e sobrenaturalmente vivos.

Uma ternura infinita e uma infinita solidão.

A alma foi-lhes arrancada do corpo e imersa no Senhor, o Senhor penetra neles como um amante; eles são agarrados por Deus, absorvidos, cegos, raptados, violentados, a sua alma ergue-se até Ele, penetra n'Ele, toma-Lhe o gosto, enlaça-O, ouve-O falar.



2.

Por vezes esquecemo-nos de ver e ouvir, perdemos o uso da palavra.

E no entanto, é precisamente nesses momentos que temos a impressão de nos encontrarmos a nós próprios. Estou a instruir-me acerca dos caminhos da santidade. Isto não é para rir. Não sou piedoso; estou a examinar os caminhos da santidade para ver se é possível percorrê-los de automóvel!

Os imperadores que andavam caçando, e que conhecemos através dos livros de leitura, descrevem a coisa por outras palavras: dizem ter visto um veado com uma cruz nas hastes, o que os deixou perplexos; depois construíram uma capela naquele local a fim de poderem continuar a caçar.

E as damas ricas e inteligentes com quem me dou, se lhes fizeres uma pergunta destas, responder-te-ão logo que o último homem que pintou uma experiência deste género foi van Gogh, que representa hoje um excelente investimento e que cortou uma orelha porque a sua pintura não aguentava o confronto com o fervor das próprias coisas.

A maioria dos nossos compatriotas diria, em contrapartida, que cortar a própria orelha não é a expressão de um sentimento verdadeiramente alemão: antes o vácuo indubitável inspirado nos panoramas montanhosos.

Para eles, a solidão, as florzinhas e o murmúrio dos regatos são a quinta-essência da exaltação humana; e poderemos descobrir, mesmo na nulidade desta adoração insípida da Natureza, o último reflexo mal compreendido de uma outra vida misteriosa; finalmente é bem preciso que ela exista ou tenha existido!

E a lei, o direito, a medida?

Pensas que tudo isso seja supérfluo?

Até que ponto acreditas nisso?

Sim e não.

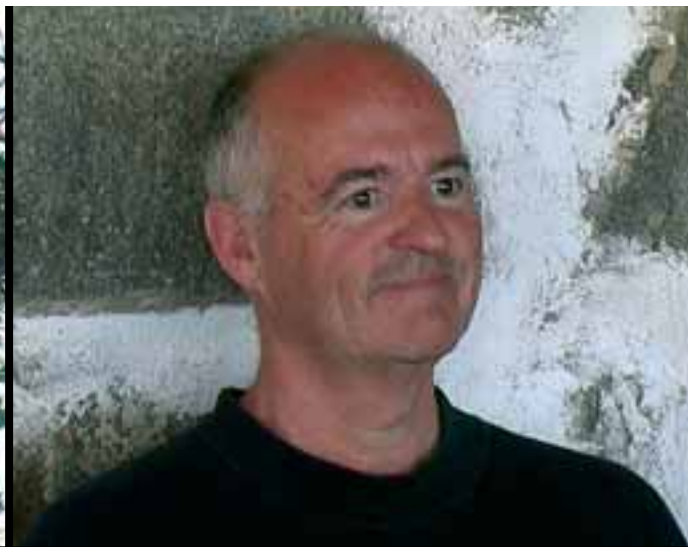
Portanto não acreditas.

Mas creio talvez que os homens, dentro de algum tempo, serão, uns muito inteligentes, os outros místicos.

Pode ser que, a partir de hoje, a nossa moral se divida nestes dois componentes.

Poderia dizer também: as matemáticas e a mística.

O melhoramento prático e a aventura desconhecida!



MAHAKARUNA

Pergunta: Não estava nada à espera, como estava ocupado com isto tudo... mas bateu-me com força! Fiquei muito emocionado no fim desta sessão, desta prática, senti como se houvesse ali muito amor e isso perturbou-me. E a minha pergunta é... O que é a dança de *Shiva*?

Resposta: É um processo de desidentificação e de comunicação com o espaço, com o cosmos. Trata-se de abandonar as particularidades, os limites do corpo na totalidade. Isso permite ao corpo de encontrar a sua própria natureza original, espacial. A meditação serve para a mesma coisa. Mas entre as duas, há subitamente um processo que é mais dinâmico. Experimenta-se o estado meditativo, justamente, menos limitado, enfim, por vezes.

P: É como se o espaço se tornasse *Shakti*?

R: Sim. Salvo que o dançarino é *Shiva-Shakti*. Chama-se a dança de *Shiva* mas de facto é a dança de *Shiva-Shakti*, ou da unicidade. É como se no movimento, subitamente, o corpo tivesse uma possibilidade suplementar de reconhecer a sua natureza de expansão, ilimitada.

P: Aparentemente é uma classe de *zazen* que enlouquece.

R: Sim, com certeza. Mas bom, os japoneses não fazem isso mas no *zen* chinês há uma prática física. O *zen* chinês é muito diferente do *zen* japonês. Muito mais próximo do que nós fazemos. É mesmo quase igual.

P: No outro dia também utilizou a expressão: era como fazer amor com o espaço. E o que é fazer amor?

R: É meter o seu '*lingam*' numa '*yoní*'! A ideia é que se tem um parceiro que, em vez de estar em frente a nós, nos envolve completamente e quando ressentimos isso é maravilhoso, podemos verdadeiramente largar o corpo em todas as direcções espaciais.

P: É também o que se chama a não-dualidade?

R: Podes chamar-lhe a consciência, podes chamar-lhe o amor, podes chamar-lhe o Ser, podes chamar-lhe a meditação, podes chamar-lhe a dança de *Shiva*. É tudo a mesma coisa. Podes chamar-lhe o não-Ser se preferires. É igual.

P: É um estado de consciência?

R: Somos apenas isso, somos um estado de consciência. O único erro que fazemos é de imaginar que há a nossa consciência e a dos outros. Uma vez que se trata duma massa indefinível. Quando estamos verdadeiramente na dança de *Shiva*, quando temos um momento extático na dança de *Shiva*, perdemos imediatamente a ideia que há a nossa própria consciência e a dos outros, ou a consciência de todas as coisas. Mas como para os *Shivaitas* tudo é consciência... Para os *Shivaitas* o céu tem uma consciência, as pedras, os elementos... etc. É como se encontrássemos o nosso meio natural não

limitado, não condicionado. Tudo isso vem simplesmente com a prática física ou meditativa. De facto é uma só prática.

P: E como é que a ética encontra aí o seu lugar?

R: As carraças ('tics') do cão?

P: Quer dizer, no mundo de hoje, quase não sobrevivemos quando saímos de um lugar como este, de uma prática como esta: somos esmagados pela situação mundial.

R: Mas sempre estivemos esmagados por qualquer coisa. Antes estávamos esmagados porque morríamos mais novos, porque havia permanentes invasões, guerras, doenças... etc. Quando lês os textos, mesmo os textos de há 2000 anos tens sempre a impressão que chegámos ao cúmulo da catástrofe. Parece ilimitado, o cúmulo da catástrofe.

P: Há uma outra linha, um outro aspecto que eu queria abordar: Falou um pouco acerca da arte. Penso que hoje ninguém sabe muito bem a que é que corresponde a arte. Ainda não há muito, a arte servia ou para divertir a corte, o rei, ou então servia de suporte para as religiões. Muito antes, decorria da prática xamânica que era da mesma ordem do '*medicine man*' e das pinturas do Paleolítico Superior. Mas hoje... o tantra tem uma relação, uma visão particular, especial da arte?

R: Simplesmente de algo palpitante, que nos pode repor no frémito, quer dizer na vida, e é portanto considerado como uma espécie de matéria indispensável para nos repormos em fase com a realidade.

P: Tenho uma questão a pôr-lhe acerca da relação entre o tantrismo e a ciência.

R: No tantrismo há tudo, há a arte, há a ciência, há todas as manifestações humanas, portanto é ao mesmo tempo um movimento filosófico e um movimento artístico.

Grande parte das pinturas, dos desenhos tântricos que chegaram até nós são diagramas científicos, há muitas coisas de astronomia. O tantrismo atraía os cientistas porque, como não era dogmático, eles não se sentiam limitados na sua criatividade. Para atrair os iconoclastas de toda a espécie, tanto os artistas como os científicos, ou as pessoas de todas as condições, que tinham um estatuto particular ou que não tinham estatuto.

Porque na Índia há as castas, é um sistema que é muito poderoso, muito antigo muito enraizado na sociedade. Os tântricos, desde sempre que recusaram a ideia das castas, donde que aqueles que eram exteriores às castas ou que não tinham acesso ao conhecimento, porque normalmente, no sistema indiano só os Brâmanes têm acesso ao conhecimento, os outros fazem outras coisas, e há aqueles que são exteriores a categorias ou fora das castas, que não têm acesso a nada. Donde que todos aqueles a quem incomodava a separação das coisas, sabiam que no tantrismo havia um campo muito aberto. É por isso que as mulheres também iam muitas vezes procurar ensinamentos a



Cachemira, porque na Índia tradicional as mulheres não têm acesso ao ensinamento.

P: Tenho ainda uma pergunta acerca deste assunto. Hoje, no frémio da ciência, está-se a voltar pelo exterior ao corpo e à consciência, às emoções, aos sentimentos, etc. e cada vez há mais investigadores que começam a trabalhar com pessoas que têm práticas meditativas e que aparentemente conhecem coisas que vêm desde há milhares de anos e que só agora é que os cientistas estão a descobrir. Acha que pode haver uma fusão entre a prática meditativa e a ciência ou ainda ficamos numa dualidade irreconciliável?

R: Há apenas uma só realidade de que podemos aproximar-nos pela via mística, pela ciência, pela arte... se se encontra, encontra-se. Os tântricos fizeram uma reviravolta muito importante: na maior parte das vias espirituais, fala-se de ilusão em relação aos fenómenos. Os tântricos sempre falaram de realidade, nunca de ilusão. Há portanto muitos *tantras* em que se acentua a realidade. E a realidade é a nossa essência absoluta. É muito interessante porque não se trata duma noção indiana. No budismo indiano fala-se sempre em ilusão. Quando o budismo chegou à China, os chineses fizeram a mesma operação, os mestres chineses disseram: tudo é real. Como vinham do taoismo, tinham um contacto muito forte com os elementos, com a natureza. Os indianos amam o abstracto e a sofisticação que vai até uma complicação incompreensível. É por isso que há grandes matemáticos indianos, é verdadeiramente a sua natureza. Têm uma espécie de gosto pelo abstracto e pela complicação.

P: Ainda mais uma questão. Ouve-se frequentemente que no mundo ocidental de hoje há uma espécie de separação entre certas realidades e outras realidades, em particular a realidade dos cientistas que se torna predominante, esta realidade arqui-complexa e por vezes inútil. Será isso algo que tem precedentes na História, que se encontra nos textos tântricos, ou trata-se de algo único?

R: Os tântricos fizeram uma outra reviravolta muito interessante em relação à ilusão, fizeram a mesma coisa... Já não sei o que queria dizer! Vai voltar. Tens outra? A objectividade é algo de importante para nós. Os tântricos disseram: a objectividade é algo de vulgar, a subjectividade é a realidade. Por isso eles tiveram sempre esta capacidade de inverter as verdades, os dogmas, e de tomar as coisas ao contrário, o que sempre levou a resultados surpreendentes. Em todos os *tantras* fala-se da objectividade como da capacidade dos '*pashus*'. Os '*pashus*' quer dizer os animais, os seres estúpidos. É isso os '*pashus*' que pregam a objectividade, os subtis exaltam a subjectividade. É interessante porque isto inverte completamente as noções de base sobre as quais uma cultura como a nossa pode repousar. A inversão dos valores fundamentais dá uma cultura bastante louca.

P: É de facto curioso pois é exactamente o debate que tem lugar neste

momento no campo das ciências cognitivas, as ciências que se ocupam do homem e da sua relação com o conhecimento. Há os investigadores que defendem uma certa objectividade, a sua própria, e os outros que hoje, ... o que à priori é incompatível.

R: Acontece a mesma reviravolta com a verdade, por exemplo. Há uma espécie de obsessão da verdade, mas os tântricos dizem: a verdade só pode existir porque se se opõe uma verdade a outra verdade, então já não é a verdade. O que é pois a verdade? Só pode ser o conjunto de todas as verdades. Conclusão: tudo é verdadeiro! Clac! Lógica tântrica. Já aqui fica demolida uma estrutura que é fundamental numa sociedade, a ideia de ter uma verdade nas religiões. Subitamente, paf, tudo é verdade. Mas quando se sofre, quando se está na confusão, na depressão?

R: Mas toda a gente sofre, toda a gente está na confusão.

P: E quando não há paz de espírito, como resolver isso?

R: Não se resolve. É por isso que estamos aqui. Alguém que esteja bem nunca teria a ideia de vir a uma coisa destas...

P: Uma última questão que toca tanto a filosofia como as ciências. Gostaria de saber qual é a relação dos tântricos com o tempo.

R: Para eles o tempo é algo que só existe no sofrimento, assim como o espaço. É um produto do sofrimento, uma percepção condicionada pelo sofrimento. Então, *samadhi*: nem tempo nem espaço. Nem nascimento nem morte. *Very simple*. Os tântricos têm uma lógica absolutamente terrível. Primeiro põem tudo ao contrário e a seguir dão-te um edifício de tal modo flexível que pode tomar todas as formas. (...)



AS DOZE RISADAS VAJRA OU O RISO DO HERUKA

Estas doze risadas *vajra* constituem um dos *semzins*. [São outras tantas passagens para a natureza da mente. Depois há diversos tipos de humor]. O riso pode ser provocado pelo paradoxo, pelo stress duma dualidade não resolvida, pela tensão que é gerada pelo paradoxo impraticável. [Há o riso que surge do infortúnio dos outros]. Se já estiveram na Índia devem saber que aquilo que põe toda a gente a rir é quando alguém escorrega numa casca de banana. Isto é muito divertido. Pode levar uma rua inteira à histeria. E os tibetanos também estão nessa. [Mas há também o puro riso inspirado pela milagrosa simplicidade da realidade, a verdade inerente a estas doze ‘anedotas’]. Talvez possamos chamar a isso ‘humor de *lama*’.

1. O texto diz: “Olhem através da perspectiva da auto-consciência espontânea.” É sempre a mesma instrução no começo de cada uma das risadas *vajra*. “Olhem através da perspectiva da consciência inata e assim, moralidade, visão e meditação são suplantadas.” Claro que esta é, específica e primariamente a visão habitual do *Dzogchen* mediante a qual os conceitos nos abrem para o processo dialéctico, que destrói o pensamento racional [e ultrapassa os processos do pensamento racional] que criam as visões fabricadas dos sistemas metafísicos: a visão tântrica, a visão *Mahayana*, a visão do *Boddhisattva*. E também a hedonística e a eternalista, e as análises políticas, e as análises económicas que parecem abundar hoje em dia. Toda e qualquer visão, seja ela qual for. E as opiniões, não nos esqueçamos das opiniões acerca das coisas, opiniões profundamente assumidas, ou apenas transitórias e momentâneas. Todas cabem na categoria de ‘visão’ [e são todas ultrapassadas]. E a meditação, toda a espécie de meditação que é uma técnica, toda a meditação que pertença aos tantras e ao *mahayana* e à *new age*, e aos indús, e à psicoterapia, toda essa [meditação é ultrapassada]. e tudo aquilo a que chamamos moralidade, tudo isto é suplantado. Que maravilha! Porque: “Para além de qualquer acção física ou verbal, [o chão imutável] permanece livre de benefício ou dano e livre de ganho ou perda.” “Para além de qualquer acção física ou verbal...” Assim, moralidade, visão e meditação, são tudo preconceitos. Tudo que fazemos por hábito mental, tudo isso é suplantado por esta contemplação, a perspectiva de 360 graus. E neste estado de consciência, não há nada que possamos fazer que faça qualquer diferença. E é essa a causa da pura risada!

HA!

[Neste espaço] não faz qualquer diferença o que se diz ou faz. É tudo igual. É a semelhança dessa esfera de contemplação. Então o que é que estamos aqui a fazer, com os nossos pequenos seres? É toda a ilusão dos seis reinos que é anedota. Não há nada que nos possa acontecer, não há nada que possa

ser dito que faça a mais pequena diferença, nesta vacuidade cósmica, nesta espacialidade cósmica.

Esse é a primeira risada.

2. “Olhem para a natureza básica das coisas.” [É nesta] inelutável, inescapável natureza do ser [que vivemos as nossas vidas]. Lembremos aquele verso no poema da Exposição Concisa em que a trivialidade da nossa existência era identificada como *nirmanakaya*. A trivialidade da existência é a natureza da mente. A conversa, o mexerico, o comer, o andar, o sentar, o cagar, o lavar os dentes, não esqueçamos o lavar dos dentes! A imutabilidade deste estado básico é a natureza de *vajra*. O *vajra* representa a imutável natureza da mente. Indiferente a bons ou maus pensamentos, não há mudança na realidade [básica] que é a natureza imutável da consciência inata. Olhem para o dedo que aponta [e não na direcção apontada pelo dedo] e ficamos no estado de contemplação com uma visão de 360 graus. O texto diz: “indiferente a bons ou maus pensamentos,” porque bons e maus pensamentos é tudo aquilo a que nos agarramos ou que nos agarra – ‘não gosto disto ou daquilo’, estamos contentes ou estamos tristes, pensamos que estamos contentes ou pensamos que estamos tristes, pensamos que estamos bem ou pensamos que estamos doentes, pensamos que somos maltratados, pensamos que somos os donos da Terra, e estamos muito apegados a estes pensamentos quando eles surgem. Mas na realidade nada muda. A natureza da mente permanece imutável.

– Com a sílaba HUNG unimos a polaridade e sabemos que nada mais é importante. Todos os bons e maus sentimentos, as interpretações, este lado bom e aquele lado, tudo isso é apenas poeira ao vento. –

HA!

3. “Olhem para a consciência total, olhem para a vacuidade total.” [Já!] Contemplem a realidade que é como o céu. *Vejam* essa total vacuidade. Não se trata do espaço [tri-dimensional] mas sim de espaço cognitivo. Tudo surge a partir dessa consciência como evanescentes cachos de uvas. É uma complexidade de que a mente racional não se consegue aproximar, e por isso dizemos que é uma ‘aparição mágica’. Gostamos de reflectir – compulsivamente – acerca de causas e efeitos. E por vezes – sempre que somos muito selectivos acerca da área de observação – forjamos um sentido, causa e efeito numa situação. Mas desde que olhamos um pouco para além, observando a conectividade da totalidade, a coisa torna-se tão infinitamente complexa que é impossível que a mente possa compreender. [Observando a totalidade somos levados a um modo de] percepção a que chamamos aparição mágica. Então, o que quer que façamos, [digamos ou pensemos], o momento é sempre liberto imediatamente. O nosso pensamento intencional, as nossas ambições e aquilo a que estamos condicionados para



atingir, tudo que fazemos, seja o que for, é sempre liberto do mesmo modo, de volta à matriz de onde surgiu. [Esta é uma grande alegria]. HA!

4. “Olhem para a realidade vazia”, diz o texto, “consciência que tudo abarca”. A primeira era: “olhem pela perspectiva da auto-consciência espontânea” a natureza inelutável do ser. Diz-se: “Olhem para a realidade vazia”. Deve ser agora evidente que este ‘olhar’ nada tem a ver com a compreensão conceptual – [apesar de que] todo conceito é baseado na experiência. Seja o que for que aconteça quando olhamos para a natureza da mente, o que importa é o sentir. Há sempre aí alguma claridade. Ou falamos em termos de intimação, intimação da vacuidade, intimação da luz clara, [o que significa que temos uma sensação intuitiva acerca dela]. Para além da intensidade, é o sentir, é a experiência, e mesmo uma experiência diminuta vale mais do que volumes de pensamento conceptual. Este texto fornece os conceitos, esta é a visão e é o conceito com que começamos. Este livro está cheio de conceitos fundadores. É como uma rampa de lançamento, cada preceito é uma rampa de lançamento. E a rampa de lançamento são conceitos. O olho cósmico é um conceito até que nos identifiquemos verdadeiramente com ele e então *olhamos*. Então temos meditação. E *isso* é tudo. Então “Olhem para a realidade vazia, consciência que tudo abarca” e “eu sou sem princípio”. O que significa isso? Significa para além do tempo. [“Eu” e a experiência] não têm passado e não têm presente. Não teve começo e não tem fim. Encontra-se em todo simples movimento do olhar ou ressonância do ouvido ou faísca de pensamento. Mesmo que alguém cometesse um genocídio, não faria qualquer diferença na corrente mental. Que é com quem nos identificamos, Kuntuzangpo, não é afectado por qualquer movimento da mente, da palavra ou do corpo. Pelo que, os acontecimentos do século XX, em particular a Primeira Guerra Mundial, os acontecimentos na Alemanha e na Polónia durante a Segunda Guerra Mundial, e os acontecimentos na Rússia durante o período estalinista, tudo isso não é mais do que ilusão diáfana. O que acontece no Biafra e no Ruanda, o que está a acontecer no Iraque, pomos tudo isso na mesma caixa. Não é mais do que escrever um sinal na água. Não há nada que possamos fazer com o corpo, palavra ou mente que faça alguma diferença na profundidade do oceano. Enquanto seres humanos não podemos ser diminuídos qual vida de insectos na areia, porque a profundidade do oceano, a corrente essencial da mente, a natureza da mente somos nós. E aquilo que acontece no Ruanda ou no Iraque, somos nós, está tudo a acontecer em nós, não somos separados disso. E não que nós, [enquanto boas pessoas] estejamos alienados disso. Excepto que essa responsabilidade é como espuma na onda do oceano. E tomamos responsabilidade por tudo que aconteceu desde que o peixe rastejou para fora da água. Mas a própria acção, os movimentos de corpo, palavra e mente, são irrelevantes em face

da vacuidade que é a sua natureza. Claro que isto não dá qualquer licença para cometer alguma actividade grosseira. Não não, isso não faz parte do quadro. Apenas estamos constantemente direccionados para o significado, o puro significado que é a nossa natureza. E essa é outra anedota! HA!

5. Então, toda e qualquer aparência surge como o nosso dedicado assistente, o que quer dizer que tudo o que acontece nos trás consciência. A simples aparência é a porta ou é a chave. E claro que vale a pena notar que quanto maior intensidade a aparência possui, maior o brilho, maior a ressonância, maior o potencial para nos apercebermos dela. Será isso uma boa publicidade para Hollywood? Não sei. Hollywood é mestre na arte de prender o olhar. Tal como Bollywood. Bollywood é o equivalente indiano de Hollywood. No prender o olhar inibe-se a possibilidade de fuga. Regressamos de novo à televisão. Podemos encontrar na televisão coisas que nos tiram o sono. Adormece-nos e tira-nos o sono. Seja como for, prefiro um dedicado assistente, com uma boa intensidade de energia, do que um de género amolecido. Qualquer que seja a aparência, nada se separa do fundamento do ser. Essa é a verdade básica afirmada cruamente. A fonte de tudo, *Kuntuzangpo, bodhichitta*, é o criador. No entanto, aquilo que é criado jamais abandona o campo da criação ou campo original. Portanto as aparências surgem na *bodhichitta* e nunca a abandonam. “Nada alguma vez se separa do fundamento do ser”. Outra maneira de o dizer é que nada nos pode separar da *bodhichitta*. Talvez possamos designar por culpa uma das defesas da mente dualista que procura fazer-nos acreditar noutra coisa, que nos aliena, nos faz sentir separados, distintos, como se tivéssemos feito algo de mal, e tivéssemos de nos sentar no canto [como as crianças na escola], e assim fazendo com que o sentimento de unidade seja atenuado. A culpa é ilusão, é apenas uma das defesas do intelecto. De facto, o canto em que temos de nos sentar está também bem no meio da *bodhichitta*. A natureza da mente é inalienável! Isso quer dizer que todo e qualquer sentimento de alienação é ilusório. Seja o que for que aconteça, nada nos afastará do fundamento do ser. Essa é outra anedota! HA!

6. Olhem para a vacuidade da mente, a visão da total libertação. Olhem para *rigpa*, a visão da total libertação. *Rigpa* é a luz deste momento, o aqui e agora, a automática libertação. Esta visão é o sentido duma visão interior. [E a ligeira tessitura desta visão são as formas luminosas do pensamento e da emoção, uma vez que, na visão de *rigpa* nós podemos apercebermo-nos da natureza essencial dos pensamentos-conceitos e dos venenos emocionais enquanto luz clara]. Penso que é muito importante termos dedicado mais tempo aos conceitos do que às emoções. Mas o pensamento e as emoções vão sempre de mão dada. Ao tratar do veneno emocional no *semzin* do



dzogchen, tal como no tantra, aplicamos à emoção nascente o antídoto da consciência da equivalência. Mas no tantra é um meio hábil aplicado durante um certo tempo em que tem lugar uma transformação. O desejo torna-se clara discriminação, o ódio torna-se consciência que é como um espelho, o ciúme torna-se realização completa, o orgulho torna-se completa providência, e o medo torna-se consciência de buda que é a base de tudo isso. A transformação é operada pelo princípio de que o semelhante cura o semelhante. Similar *similibus curantor*. Não é uma ideia chinesa, certamente que os gregos a conheciam, tal como os romanos. Pergunta: o orgulho é todo dominante ou todo providencial?

O orgulho é plena abundância, a cornucópia. Tomemos um pouco da mesma natureza da doença e a maleita desaparece. É o método homeopático. Pratiquemos o sexo dentro dos parâmetros do casamento, e o problema sexo/desejo dissolve-se. Essa é a base da prática do *bodhisattva*. Joguem um pouco de futebol americano permitindo-se incluir alguma agressividade e depois podemos ir festejar. Etc. Mas a [grande] diferença no *Dzogchen* é que não há processo temporal, o reconhecimento é imediato. Porque não se trata aqui de indulgência? Um pouco de indulgência? Isso é tantra. Não é disso que estamos a falar. Se não pudermos reconhecer a emoção [no momento em que ela surge], então podemos usar o método tântrico [para a desenvolver]. [No *semzin*] olhamos para a natureza da mente na emoção. Olhamos para a cor. Observamos a cor na emoção. E é essa a porta da intuição da natureza da mente. Já nos ocupámos disto durante várias horas. A natureza do veneno é o antídoto mais eficaz. Antídoto não é a palavra mais apropriada porque o processo não é de oposição, [como se algo devesse agir contra o veneno] – é algo que o liberta. Precisamente, é a natureza do veneno que o liberta. Olhem para o vazio de *rigpa*. A natureza do veneno ainda é *rigpa*, libertando o veneno. E aqui não há processo algum. Tudo acontece no momento, imediatamente.

O processo de libertação está sempre a acontecer [inconscientemente]. Só quando não acontece é que nos apercebemos da sua necessidade. Quando o nível do apego se aproxima do limiar da consciência, então surge *rigpa*. Toda a gente tem um limite diferente para o apego. Quando não temos a visão de *rigpa* no momento do limiar do apego, então a mente dual aparece e temos um “eu” que está apaixonado, e um objecto da paixão e apego, positivo ou negativo relativo a essa projecção. Uma resposta neutra à paixão também é possível. Pouco importa que o apego seja positivo ou negativo, amor ou ódio, o efeito é idêntico. Onde está então a anedota? O gozo está em que toda a paixão se auto-liberta uma vez que neste preciso momento há uma função automática de libertação. E essa função automática de libertação é garantida pela vacuidade de *rigpa* na qual surge a paixão. Garantido. Qual é então o

amor que dura para além deste momento? Não será a ilusão da mente dual de do seu apego? – Aquilo que se despeja é o apego? Quer dizer o apego romântico? Ou aquele que é construído com ideias? – Dirás isso a ela logo de início? (risadas) Para os *ioguis dzogchen* a coisa desvanece-se no momento, por isso não podem prometer nada para além disso. Haverá algo errado aqui? [Claro que se ‘ela’ for uma *iogini* será isso que ela prefere]. HA!

7. De novo “olhem para a vacuidade de *rigpa*”. Desta vez “a essência da pureza total”. E “a fruição é auto-gratificante”, o que quer dizer que o ponto de partida e o caminho e o objectivo são unos com a plenitude do momento intemporal. Por isso não há nada a fazer. Não há desenvolvimento, não há evolução, não há maturação para além disso. E nessa unidade se dissolvem *Samsara* e *Nirvana*. Isto torna o *Samsara* e o *Nirvana* numa projecção dualista. Esta risada é acerca da unidade do *Samsara* e do *Nirvana*, a unidade constante e inquebrável – que realmente nunca podem ser separados. O *rushen* exterior é desenhado de modo a estabelecer a distinção entre *Samsara* e *Nirvana*, ou quando estamos em ilusão contaminada ou o que é a libertação da transmigração. Precisamos desta compreensão a fim de fazermos o *rushen* interior. Não é como se desconhecêssemos *Samsara* e *Nirvana*. Há de facto sempre uma unidade, [quer o saibamos ou não]. *Samsara* e *Nirvana* estão sempre presentes mas dissolvidos numa unidade, numa não dualidade. Num nível estúpido, um nível de não-compreensão, podemos dizer que o *Samsara* e o *Nirvana* são ‘um’ a fim de justificar o prazer auto-indulgente. Temos por isso estas aparências dualistas quer as apreciemos quer não, mas elas estão constantemente a ser ultrapassadas pela sua própria natureza que é luz clara. Nós *somos* a natureza da mente e estes acontecimentos dualistas surgem momentaneamente e desaparecem. Isto não quer dizer que o *Samsara* é o *Nirvana* e o *Nirvana* é o *Samsara* mas sim que não há distinção entre eles. Temos os campos de buda e os reinos infernais, e eles são todos o mesmo no campo de *rigpa*. ‘Eu’ sou *Kuntuzangpo*, ‘eu’ sou a *bodhichitta*, e estas identidades ilusórias surgem e desvanecem-se em mim, ‘eu’ sou a sua origem e elas dissolvem-se em ‘mim’. Tomem como disciplina a redefinição do uso da primeira pessoa no acontecimento actual. Sim tu! Eis mais outra maneira de abandonar completamente o retiro. Saímos do retiro, e todas estas associações com o ‘eu’, com a primeira pessoa do singular, regressam, e a identificação com as identidades dualistas do *Samsara* enraíza-se de novo. Aí está a raiz do poder da mente dualista. Talvez não façamos isso em conversa; podemos mas somos apanhados em diálogo connosco. Quando nos identificamos com a primeira pessoa, que é a pessoa triste no reino humano, reparem na base causadora desta identificação. Quando digo base causadora, quero dizer a noção que [por exemplo], não tenho dinheiro suficiente, ou que não tenho amor, ou que não tenho luz suficiente no meu quarto, ou que



tenho uma cama desconfortável, ou que o jantar fez-me indigestão, etc. E ou deitamos fora essa noção de eu ou identificamos esse eu com *Kuntuzangpo*. Prossigam na análise da identidade, quem sou eu, façam apenas o ioga básico que *Ramana Maharshi* ensinou, o representante indiano da versão hindu do *dzogchen* chamada *Advaita Vedanta*. Possui uma base filosófica algo mais rigorosa, mas é essencialmente o mesmo. Quem sou eu? Eu não sou os meus sentimentos eu não sou o meu ego, eu não sou o meu superego, eu não sou as minhas emoções, eu não sou as minhas memórias, eu não sou quem as pessoas pensam que sou, etc. Não sou a filha da minha mãe. Nem a filha do meu pai. Não sou a pessoa definida por esta família. *Samsara* é *Nirvana*. HA!

8. “Olhem para a morada do fundamento ubíquo“, o fundamento que está por toda a parte. O fundamento de toda a *bodhichitta* em tudo inerente. Olhem para isso! Façam essa contemplação de 360 graus e as seis espécies de seres aparecem automaticamente como corpos de buda. Quer dizer: todos os seres conscientes aparecem como budas porque têm estes três corpos de buda, a essência que é vacuidade, a natureza que é claridade, e a emanção que é compassiva. Todos se tornam budas subitamente sem mesmo praticarem um instante de meditação. De novo a distinção essencial entre meditação e não meditação: meditação implica um sujeito que faz a meditação, um objecto de foco e um acto de concentração. O foco pode ser a chama duma vela, pode ser uma visualização, pode ser a ponta do nariz. [Meditação] é um processo que tem lugar no tempo, enquanto que a contemplação que aqui abordamos, a vasta essência vazia, é uma experiência intemporal. Nessa experiência, **Eu sou Isso**, e nesse conhecimento, o reino em que estava o ponto de partida transforma-se num campo de buda. Chegamos assim ao campo de buda infernal, o campo de buda dos espíritos esfomeados, o campo de buda animal, o campo de buda demoníaco, o campo de buda dos deuses, e os seres que existem nesses reinos, todos os seres nesses reinos são buda. Então, mediante esta contemplação natural e realização da natureza da mente, pela relaxação no estado natural, chegamos à contemplação e realização da natureza da mente que é como o céu. É o olhar de 360 graus de *rigpa*. Deste modo há o reconhecimento dos seres, das seis espécies de seres como budas! HA!

9. Esta risada é um pouco mais complicada. Diz [de facto], olhem para a vasta vacuidade dos três corpos búdicos que estão sempre presentes, e passado presente e futuro não podem ser unidos nem separados. Passado presente e futuro, as divisões do tempo, não se pode dizer que sejam uma e também não se pode dizer que sejam separadas. Vejam portanto que a distinção mais subtil não é entre tempo e intemporalidade, mas entre tempo

e não-tempo, e a realidade, que é a intemporalidade dos três corpos búdicos. Daí que, mesmo sem praticar a disciplina das seis perfeições do *bodhisattva*, as acumulações de virtude e consciência são completadas duma vez. Todos conhecem as seis perfeições? Moralidade, paciência, generosidade, perseverança, meditação e concentração. Estes são os modos pelos quais o *bodhisattva* desenvolve o hábito da virtude e da consciência. Perfeição da forma, personalidade e conduta, e inter-acção social (é a isso que chamamos virtude); e a consciência é uma compreensão da natureza da mente. Uma vez atingida a massa crítica, o *bodhisattva* torna-se num buda. Sem desempenhar estas perfeições em eras sucessivas de recondicionamento da mente, a massa crítica é realizada instantaneamente (não apenas uma vez), de modo que a partir daí há uma realização semelhante nos momentos seguintes, em cada momento. Se seguiram isto, têm a chave desta anedota. *É a definição de tempo que parece de novo implicar a presença do passado presente e futuro, apesar de estarem fora do momento ou que nem é existente nem não existente, o que o torna imanente*. Tempo: não é que não haja tempo, e certamente não é que haja temporalidade linear. Ao definirmos o tempo como presente no momento, então passado presente e futuro, nem separados nem unidos – por causa dessa definição – ou seja, as duas acumulações (ditas relativa e absoluta), são simultaneamente realizadas no momento. A anedota na afirmação precedente, é que tornamo-nos todos budas sem qualquer meditação, imediatamente tornamo-nos todos budas sem qualquer necessidade de prática do *bodhisattva*. Temos estado a praticar a via do *bodhisattva* desde há sucessivas eras. É uma grande anedota. HA!

10. Então “olhem para a vasta homogénea vacuidade da simples *rigpa*.” Toda a acção orientada para um objectivo [em que somos instruídos para dissolver em não-acção] surge sempre como ‘ornamento’. *Rigpa* é aqui mencionada como sendo simples, e claro que esta é a definição básica de *rigpa*. ...? *rigpa* é um não começo. Nada podemos dizer acerca de *rigpa*. *Rigpa* devora conceitos. *Rigpa* devora etiquetas. Não é nunca apenas a questão de um simples conceito ou de uma simples matéria – *rigpa* é a própria simplicidade. Uma vez neste oceano de simplicidade, a mente dualista estabelece um objectivo, [um destino, algures e exterior], e então define um caminho e um método para o percorrer, começando então o empenho e luta, e tudo isso é apenas ornamento. Faz lembrar uma pintura zen japonesa em que uma vaga está prestes a rebentar e há uma linha de espuma e um salpico mesmo em frente da vaga. Parece que essa linha está separada do oceano, mas claro que não está. A rebentação da onda faz um círculo e nesse momento o salpico regressa ao oceano que é inteiramente homogéneo. É aí que toda a percepção discriminadora é libertada. A mente dualista é aqui um assistente dedicado. O próprio intelecto é *rigpa*. A natureza da mente é



inalienável. Não apenas a dualidade é criada pelo intelecto mas o próprio intelecto é também inalienável da natureza da mente. Então qual é o sentido deste seminário, poderão perguntar. Há apenas uma coisa a dizer – Tudo é *rigpa*. É impossível ser outra coisa senão iluminado. Acho que esta é uma boa anedota. HA!

11. Olhem então para a vacuidade da vacuidade. Se não conseguirmos compreender a natureza da mente como vacuidade, completa e experiencialmente, e aí permanecer, apenas surgirá o conceito de vacuidade. Ao ver a sua natureza vazia, há vacuidade desde que não haja qualquer possibilidade de surgir (mesmo a mais fina) distinção – diferenciação. Nesta última vacuidade descobrimos que os budas caem no abismo. Porque é que caem no abismo? Porque tentaram meditar. Não podemos nem por um instante duvidar da seriedade de *Longchenpa*. O que é que quer dizer? Em primeiro lugar esclarecemos que estamos a considerar o absoluto último. Mas quando falamos disso usamos a palavra buda e a simples utilização desta etiqueta implica uma subtil dualidade. Implica uma distinção subtil entre seres conscientes e budas. Implica um vestígio de aspiração. A própria etiqueta de ‘buda’ implica um afastamento. Implica que os budas são produtos duma fina conceptualização do intelecto. São estes budas que caem no abismo. É todo e qualquer tipo de concepção. Como a alegação final em que espontaneidade e unidade fazem parte da *samaya*, lembram-se? Na dissolução do último vestígio do pensamento discursivo, surge espontaneidade e totalidade. Se de

tudo isto houvesse uma lição prática a ser aprendida ao nosso nível, seria: não substancializem a budeidade pela formulação metafísica ou conversa budista. Já nos rimos disto ou não? HA!

12. Finalmente, a última risada. Olhem para a vacuidade substancial e não-vazia. Aqui é que a não existência – ausência – é suposta ser uma entidade e está no paraíso de *Shiva*. Ou está nos eternos reinos do deus do paraíso cristão. *Self* implica vacuidade substancial que se acredita ser eterna. Este é o reino mais elevado dos deuses, o deus do amor, o deus do poder, o deus da consciência, consciência como algo substancial e eterno. Mas, uma vez que é concebido como algo substancial, implica um começo. *Self* tem um começo e por isso tem um meio e tem um fim. Os deuses do cristianismo e do hinduismo passarão e por isso são pura ilusão. Embora possamos tomar refúgio em *Shiva* ou no deus do amor como algo de substancial e eterno, de facto apenas encontramos aí ausência. Eles tomam refúgio numa entidade e nós tomamos refúgio no estado não nascido. HA!

Estas são as doze risadas *vajra*. Talvez pudéssemos dá-las todos juntos, antes de partirmos, a totalidade das doze risadas. Em coro. Claro que se não mantivermos, certamente quebramos a *samaya*. Pergunta: O que é que mantemos? Resposta: O nível de energia. Caem imediatamente num inferno profundo. Sugiro que devemos estar preparados para isso. Vamos fazer a canção de *Vajra*.

VÍTOR POMAR por ele mesmo
Vive e trabalha em/ lives and works in/ Assentiz, Rio Maior.
Email: allgood.vitor@gmail.com Sites: www.ah-arte.com
- www.galeriasete.com - www.antiksdesign.com

Nasceu em Lisboa, em 1949. Frequentou em 1966-67 o curso de pintura da Escola de Belas Artes do Porto e entre 67-69 o curso de Lisboa. Realizou a sua primeira exposição individual em 1970, ano em que emigra para a Holanda, onde prossegue os seus estudos, regressando a Portugal em 1985. Após um período de cerca de nove anos de prática de uma pintura cuja paleta se limita ao preto e branco (75-83), enceta um novo ciclo em que a cor é rainha... Deixando em aberto esse novo ciclo de pintura (83-85), é então tomado por uma devoradora necessidade de suspender temporariamente a sua actividade artística. A deriva daí resultante leva-o a criar e gerir durante três anos uma Associação Cultural em Tavira, Casa-Museu Álvaro de Campos, ao mesmo tempo que aprofunda estudos e práticas espirituais diversas. É marcante o encontro com um mestre japonês do budismo Zen,

Exposições individuais recentes / latest solo exhibitions

2007 “Ilha do Tesouro/Treasure Island 1977-2007”, Galeria Antiks Design, Lisboa, Maio. Curadoria e texto M. Céu Baptista, “Isto não é o que parece/It is not what it looks like”. Antologia de textos recentes do autor: “Um quase manifesto à luz da Perfeição Natural / Old Man Basking in the Sun, Treasure of Natural Perfection”, “Acto Contínuo, Uma leitura comentada / Non-stop; the crux of the matter, a commented reading”, “Ponto de encontro / Meeting point”, “Residir / Residing” e “Deitar as mãos a cabeça / Throw your hands up to your head”.

“Ponto de Encontro”, Biblioteca Municipal, Ponte de Sor.

2006 “Nada de Especial”, Casa da Cultura de Rio Maior.

“Tirar daí o Sentido”, Galeria AH, Viseu. Cat. em suporte DVD, textos “O que está aqui está algures” M. Céu Baptista e “A vida em queda livre” VP

“Deitar as mãos à cabeça”, pintura, Galeria das Antas, Porto

2005 “Álbum de Família – I love my photos 3”, Galeria Municipal TREM, Faro

“Micropráticas”, Museu Nacional de Arte Antiga, LISBOAPHOTO, comissário/ curator/ Sérgio Mah. Cat.: “Objectos do acaso de passagem como o vento” Nuno Faria

2004 “I love my photos, primeira parte 1990-1994, Índia, Sikkim, Butão, Nepal”

Galeria Neupergama, Dezembro 2004. Cat. Textos de Eglantina Monteiro e Vítor Pomar

“New York City Blues – Fotografia 1982”, Lagar de Azeite, Oeiras. Comissário Nuno Faria: “Passagens”

“Vítor Pomar”, Fidelidade-Mundial Chiado 8 Arte Contemporânea, Lisboa. Cat.: “A redenção pela pintura”, Raquel Henriques da Silva

2003 “Vítor Pomar – My Own Battlefield (O Meu Campo de Batalha)”, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto. Cat. Edições

Hogen Daido, em 1985. Na década de 90 realiza diversas viagens e estágios prolongados na Índia sob a orientação de Dilgo Khyentse, Urgyen Tulku e outros. Seguem-se inúmeros encontros, ensinamentos e seminários que incluem outras tradições que parecem completar-se sem conflito: o *Dzogchen*, o Xamanismo, o tantra cachemiriano, hoje transmitidos igualmente por mestres ocidentais. A reflexão acerca do processo criativo tal como é praticado no Ocidente parece ganhar uma nova consistência e liberdade à medida que se sucedem os episódios de um percurso espiritual e experiencial, se assim se pode nomear... Trata-se de uma confirmação e de uma autorização (*empowerment*) que se reflecte no próprio processo criativo na medida em que este se enraíza na psique profunda, objecto de conhecimento das diversas tradições.

Continua a expor em diversas instituições nacionais e estrangeiras, destacando-se a exposição antológica realizada no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, no Porto, em 2003, ocasião da publicação de um extenso catálogo em cujo segundo volume reúne escritos próprios, até então dispersos por catálogos e comunicações.

ASA, Vol. I: “VP: notas sobre a constante interrogação do ser através da criação”/ “VP: notes on the constant questioning of being through creation” João Fernandes; “Depósitos de pó e folha de ouro”/ “Dust and gold leaf deposits/ Maria Filomena Molder; “Reconhecimento de campo”/ “Reconnaissance” Delfim Sardo. Vol. II: VP, antologia de textos/ anthologie of texts

“Coincidência Auspiciosa/ Auspicious coincidence II”: Vítor Pomar 1965 – 2002”, António Henriques – Galeria de Arte Contemporânea, Viseu. Cat.: “Uma razão intuitiva”/ “A rational intuition”/ Delfim Sardo; Entrevista com Alexandre Melo no programa “Os dias da arte”. Galeria Pedro Cera, Lisboa

Exposições colectivas recentes/ latest group exhibitions

2007 Colecção do CAM, Fundação Calouste Gulbenkian, Palácio da Galeria, Tavira

2006 “Residências”, Museu do Caramulo, “Sebastião e Ágata” vídeo, 22 minutos.

2005 “BESphoto”, Centro Cultural de Belém, Lisboa. Cat.: “I love my world” Anabela Mota Ribeiro

2002 “Arte Contemporânea: Colecção Caixa Geral de Depósitos – Novas Aquisições”, Culturgest, Lisboa

“Zoom 1986 – 2002: Colecção de Arte Contemporânea Portuguesa da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Uma Selecção”, Fundação de Serralves, Porto

“EDP.Arte: Prémio Desenho, Prémio Pintura”, Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa

“Caravelas, Art et Littérature du Portugal Aujourd’hui”, Centre d’Art et d’Échanges Culturels de Pignans, Pignans

«Na Paisagem: Colecção da Fundação de Serralves”, Museu Almeida Moreira, Viseu



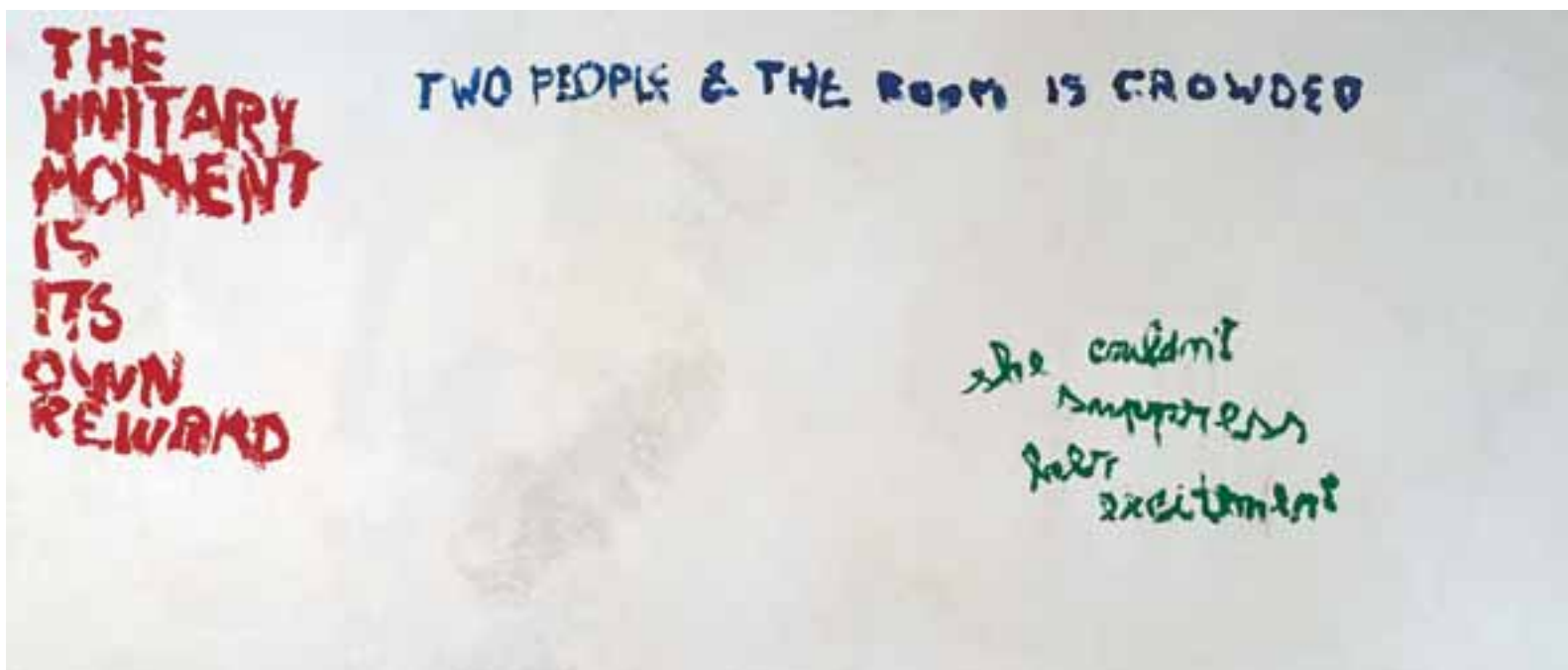
Untitled / Sem Título (7802)
acrílico / tela
317,5 x 149,5 cm

the nature of multiplicity is nondual
and things in themselves are pure and simple;
being here and now is construct-free
and it shines out in all forms, always all good;
it is already perfect, so exertion is redundant
and spontaneity is ever-immanent.

A natureza da multiplicidade é não dual
e as coisas em si mesmas são puras e simples;
estar aqui e agora é livre de fabricação
e brilha em todas as formas, sempre tudo bom;
já é perfeito, e por isso o esforço é redundante
e a espontaneidade é imanente em permanência.



Face Value / Valor Facial, 2007
grafite e pastel de cera / tela
148 x 238 cm



O momento unitário é a sua própria gratificação

Duas pessoas e a sala fica cheia

Ela não pôde suprimir a sua excitação



Purposeless / Sem Propósito, 2007
grafite e pastel de cera / tela
148 x 238 cm



Um mar de rosas / An ocean of roses, 2007
acrílico e grafite / tela
148 x 483 cm

positive awareness
of the deeper meaning
of the human world

to hope, gratefully, in
moments
without realization

force, total presence
constantly empty being
available space
the sole moment
reality

in the absence of absence
the one of the matter is
fully defined

the uncontrolled
absence
of every response

a kind of being of absence
in the presence
in the unbounded
moment
of unbound perception

the super-nature of
Samaritanian's contemplation
regulation of pure pleasure
spontaneity

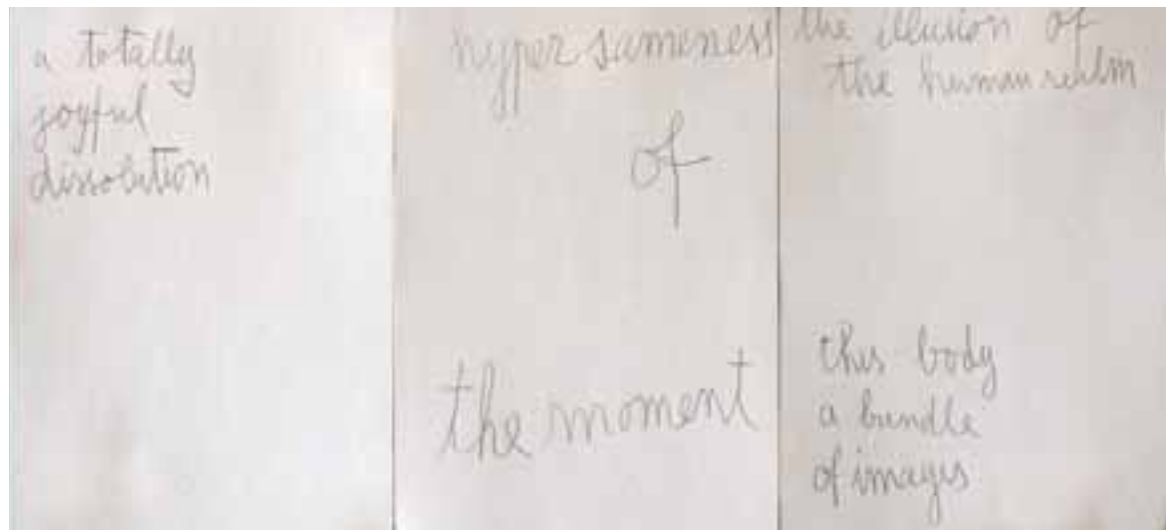
The space of
uninterrupted Samaritanian
the understanding perception
of all concepts and
reality

The contemplation of
relaxed sensory perception

inside and outside
is the one taste
of pure mind

the illusion of
the human realm

To see
to see the real meaning
the real meaning
meaning



Without anticipation, 2006
grafite e tinta branca / papel
29,6 x 21 cm

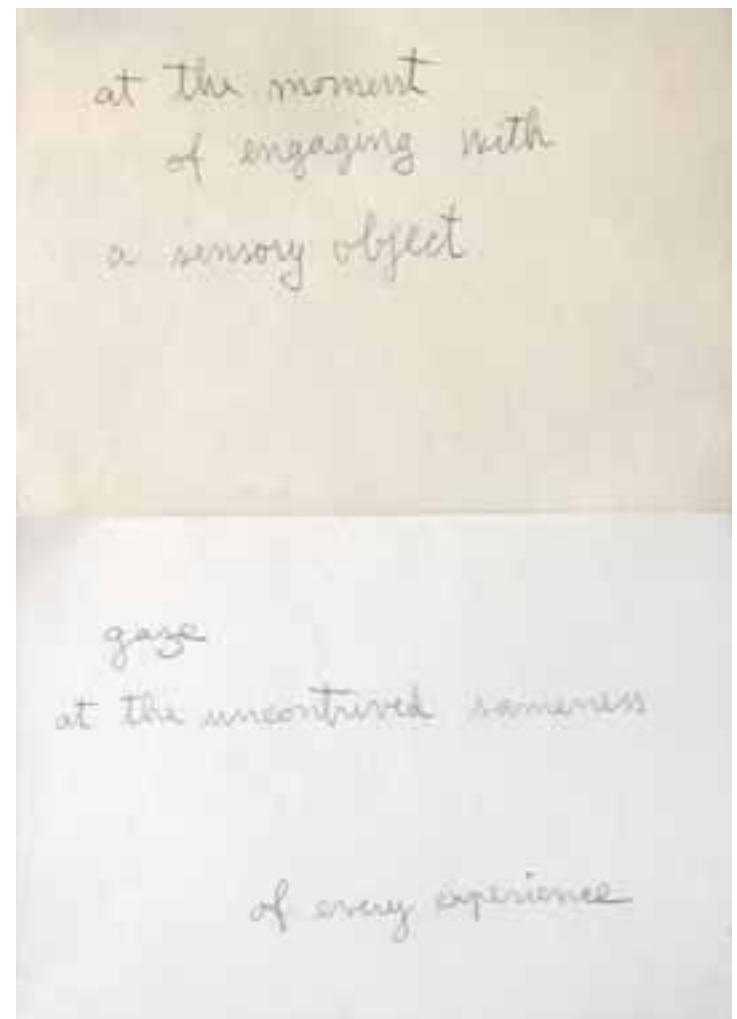
The crux of the matter, 2006
grafite e tinta branca / papel
29,6 x 21 cm

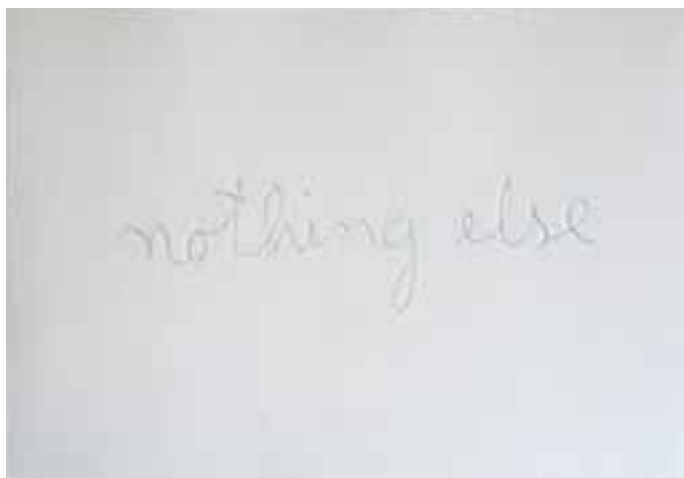
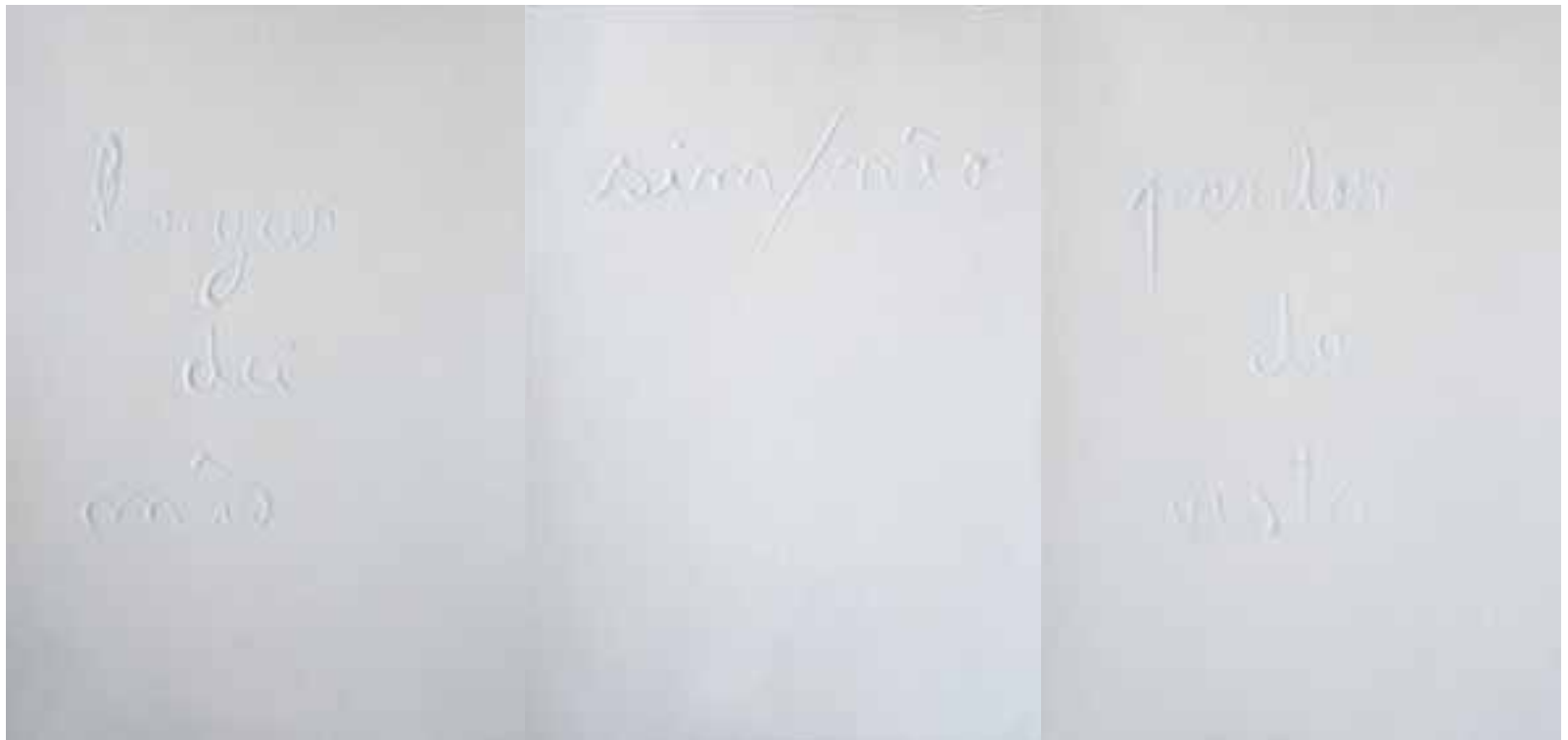
Uncontrived sameness, 2006
grafite e tinta branca / papel
29,6 x 21 cm

To see the real meaning, 2006
grafite e tinta branca / papel
29,6 x 42 cm

Hypersameness of the moment, 2006
grafite e tinta branca / papel
21 x 44,4 cm

Gaze, 2006
grafite e tinta branca / papel
29,6 x 21 cm







Sim / não, 2006
grafite e tinta branca / papel
29,5 x 63 cm

Nothing else, 2006
grafite e tinta branca / papel
29,6 x 21 cm

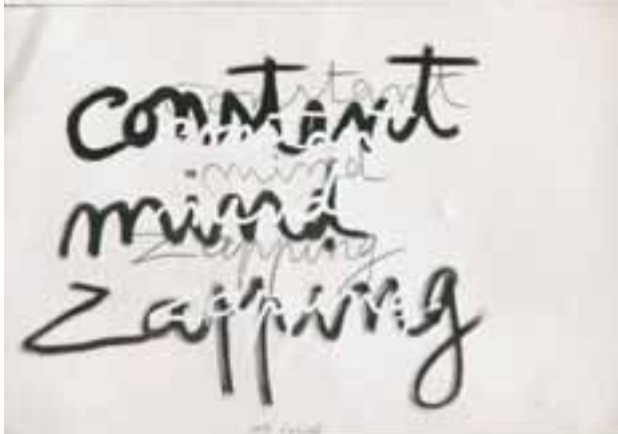
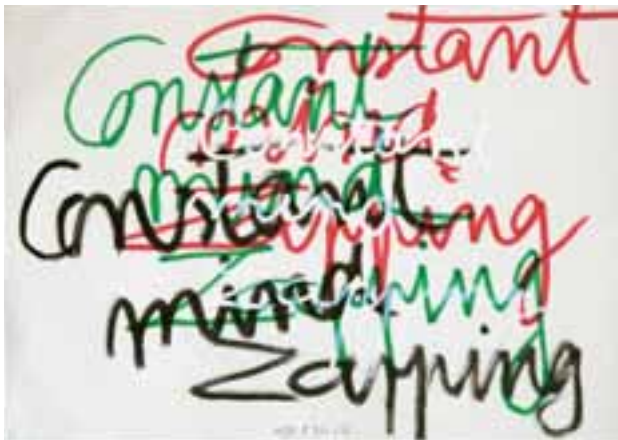
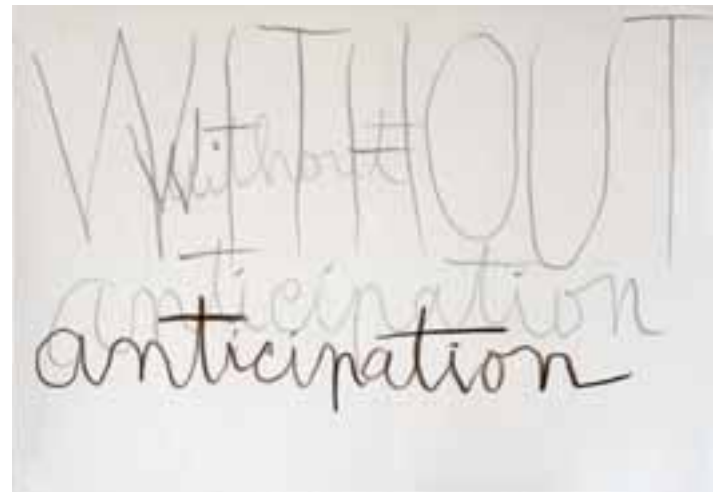
Nothing else, 2006
grafite e tinta branca / papel
21 x 29,6 cm

En tout cas, 2006
papel de cera e tinta / papel
29,6 x 63 cm

Beyond thought, 2006
grafite e tinta branca / papel
29,6 x 21 cm

Beyond thought, 2006
grafite e tinta branca / papel
29,6 x 21 cm





Without anticipation, 2006
grafite e tinta branca / papel
29,6 x 21 cm

Constant mind zapping, 2006
marcadores e tinta branca / papel
29,6 x 21 cm

Constant mind zapping, 2006
marcadores e tinta branca / papel
14,8 x 21 cm



A totally joyful dissolution, 2005
tinta branca / fotografia
20 x 15 cm

Só acredito em milagres, 2005
tinta branca / fotografia
10 x 15 cm

Contemplation, 2005
tinta branca / fotografia
10 x 15 cm

Spontaneity, 2005
tinta branca / fotografia
10 x 15 cm





Tradução das Páginas 30 e 31

Uma dissolução completamente feliz
hiper igualdade do momento
a ilusão do reino humano
este corpo um molho de imagens

A contemplação relaxada da percepção sensorial
a ilusão do reino humano
dentro e fora é o gosto único da mente pura
ver o significado verdadeiro

A super matriz da contemplação do samantabhadra
cognição é puro prazer
espontaneidade
o espaço indiferenciado de samanthabadra é a super vacuidade omnipresente
de todo o
samsara e nirvana

Consciência pristina da hiper igualdade do aqui e agora
nós deambulamos em gratidão na espacialidade sem antecipação
a igualdade não contrafeita de toda a experiência
uma vívida manifestação de ausência
em total presença no momento indiviso da percepção não dual

Presença total de base
constante e simplesmente ser
espaço inexprimível
esta única realidade imanente

Na experiência da ausência
o tema crucial é completamente desvendado

No momento do confronto com um objecto sensorial
contempla a igualdade não contrafeita de cada experiência

A vivid display of absence, 2005
tinta branca / fotografia
10 x 30 cm

All Samsara and Nirvana, 2005
tinta branca / fotografia
10 x 45 cm

The uncontrived sameness, 2005
tinta branca / fotografia
10 x 30 cm

A totally joyful dissolution, 2005
tinta branca / fotografia
10 x 45 cm



THE TWELVE VAJRA LAUGHS

These Twelve Vajra Laughs constitute a *semzin*. They are doorways into the nature of mind. Then there are different kinds of humour. Laughter may be provoked by paradox, by the stress of an irresolvable duality, by the tension that generated by an intractable paradox. Then there's the laughter that arises at another's unfortunate circumstance. If you have been to India you might know that what really sets people off is when you slip on a banana skin. This is really funny. It can set the whole street in hysterics. And the Tibetans are into that also. But there's also the pure laughter inspired by the miraculous simplicity of reality, the truth inherent in these twelve 'jokes'. Maybe we should call it 'lama humour'.

1. The text says: "Look through the perspective of self sprung awareness". It is the same kind of instruction that begins each of the twelve *vajra* laughs. "Look through the perspective of innate awareness and morality, view and meditation are superseded". Specifically and primarily of course this is the usual view of Dzogchen, wherein the concepts set us off in the dialectic process that destroys rational thought and supersedes rational thought processes that create fabricated views of a metaphysical system: the tantric view, the Mahayana view, the Bodhisattva view. And also the hedonistic and the nihilistic, and the eternalistic, and the political analyses, and the economic analyses which seems to be everywhere these days. Any and every kind of view whatsoever. And opinions, lets not forget opinions about things, deeply held opinions or just transient and momentary opinions. All of them come under the category of 'view' and all are superseded. And meditation, every kind of meditation that provides technique, every meditation belonging to the tantras and the Mahayana and to the new age, and to the Hindus, and to psychotherapy, all of such meditation is superseded. And all of what we call morality, all of this is superseded. How wonderful! Because: "Regardless of any physical or verbal action, the immutable ground remains untouched by benefit or harm and free of profit or loss. "Regardless of any physical or verbal action". So, morality view and meditation, it is all preconception. Everything we do through mental habit is all superseded by this contemplation, the 360 degree perspective. And in this state of awareness, there is nothing which we can do which makes any difference. And that is the cause of pure laughter. In this space it makes no difference what we say or what we do. It's all the same. It's the sameness of that sphere of contemplation. So what are we doing here, with our little selves? It's the whole six realm delusion that is the joke. There is nothing that can happen to us, there is nothing that can be said to us that makes the slightest bit of difference, in this cosmic emptiness, in this cosmic spaciousness.

That is the first laugh. HA!

2. "Look at the basic nature of things." It is here in the ineluctable, inescapable, nature of being that we live our lives. Let's remember that verse in the poem of the Concise Exposition where it was the trivia of our existence that was identified as nirmanakaya. The trivia of existence is the nature of mind. The chatter, the gossip, the eating, the walking, the sitting, the shitting, the brushing of the teeth, let's not forget the brushing of the teeth! The changelessness of the basic state is the *vajra* nature. The *vajra* represents the unchangeable nature of mind. Regardless of good or bad thought, there is no change in basic reality which is the changeless nature of innate awareness. Look at the pointing finger rather in the direction in which the finger points we get to the mode which is a state of contemplation with the 360 degree view. So the text says "regardless of good or bad thought", because good or bad thought is what we are always hung up on or hung up by -- 'I don't like that', 'I don't like that' and we are always either happy

or sad, or we think we are happy or we think we are said, we think we are well or we think we are sick, we think we are mistreated, we think we are the masters of the Earth, and we are very much attached to these thoughts as they arise. But they don't change anything in reality. The nature of the mind remains unchanged. With the syllable HUNG we unite polarity and we know nothing matters any more. All the good and the bad feelings, the interpretations, this good side and that side, is all just fluff on the breeze. And that is the second joke. HA!

3. "Look at total awareness, look at total emptiness." Do it! Contemplate the reality that is like the sky. See that total emptiness. That emptiness of course is not three-dimensional space. It is cognitive space. Everything arises out of that awareness as evanescent bunches of grapes. It's a complexity that we cannot get the rational mind around so we say 'magical display'. We like to get involved – compulsively – into thinking about causes and effects. And sometimes – so long as we are very selective about the area that we are looking at – we can contrive purpose, cause and effect in a situation. But as soon as we look a little bit beyond, looking at the connectivity of the totality, the thing becomes so infinitely complex it is impossible for the mind to figure it out. And looking at the totality we are propelled into a mode of perception that we call magical display. Then regardless of what we think, say or do, the moment is always released immediately. Our goal oriented thinking, our ambitions and what we are conditioned to aim towards, what we do – it doesn't matter what it is – it is always released in the same way back into the matrix out of which it arose. This is a great joy. HA!

4. "Look at empty reality," says the text, "all-embracing awareness." The first was: "look through the perspective of selfsprung awareness" at the ineluctable nature of being. "Look at empty reality," it says. And it must be evident now that this 'looking' has nothing to do with conceptual understanding – although every concept is based in the experience. Whatever happens when we look at the nature of the mind, it's the feeling that matters. There is always some clarity there. Or we talk in terms of intimation, the intimation of emptiness, the intimation of the clear light, which means we have an intuitive feeling about it. Regardless of the intensity of it, it is feeling, it is experience, and even an iota of experience is worth volumes of conceptual thought. This text provides the concepts, this is the vision (holding text) and it is the concept that we start with. This book is full of startling concepts. It's like the launchpad, each precept is a launchpad. And the launchpad is concepts. The cosmic eye is a concept until we actually identify with it and then look. Then we've got meditation. And that is everything. So, "look at empty reality, all embracing awareness" and "I am without beginning". What does that mean? It means timelessness. "I" and the experience have no past and it has no present. It had no beginning and it has no end. It's in every single movement of the eye or resonation of the ear or flash of thought. Even if a person were to commit mass murder, it would make no difference to the mind stream. Who it is with whom we identify, Kuntuzangpo, is unaffected by any kind of movement in the mind, in speech or in body. It says that the events of the 20th century, particularly the First World War, the events in Germany and in Poland during the Second World War, and the events in Russia during the Stalinist period, is all just gossamer, diaphonous illusion. What happens in Biafra and Ruanda, or what is being done in Iraq, we put that in the same box. It is all simply the writing of a glyph in water. There is nothing that we can do in body, speech and mind that makes any difference to the depth of the ocean. As human beings we cannot be diminished to like insect life on sand, because the depth of the ocean, the essential mind stream, the nature of mind is us. And what happens in Ruanda or in Iraq, it's

all us, it's all happening in us, we are not separate from that. It's not that we as kind and good people are alienated from that. We take responsibility for it all. Except that that responsibility is just like foam on the ocean wave. And we take responsibility for everything that happened since the fish crawled out of the water. But the action itself, just the movements of body speech and mind are irrelevant in the face of the emptiness which is their nature. Of course this does not give any one any kind of licence to commit any kind of uncivil activity. No, no, no. That's not in the picture. It's just that we are constantly directed to meaning, pure meaning, the meaning which is our nature. And that's another joke! HA!

5. Then, every appearance whatsoever arises as our friendly helper which means that everything that arises gives us awareness. The simple appearance itself is the door, or it is the key. And it is of course worth noticing that the more intensity the appearance has, the more flash it has, or the more resonance it has, then the more potential there is to awaken us to it. Is that a good advertisement for Hollywood? I don't know. Hollywood has mastered the art of catching the eye. Bollywood too, I come to that. Bollywood is the Indian equivalent of Hollywood. In the catching of the eye it inhibits a runaway border. But again we are back to the television. We can find stuff on the television that actually keeps you from sleep. It puts you to sleep and it catches you from sleep. Anyway, I would prefer a friendly helper that had good intense energy, rather than the sleepy type. Regardless of what appears, nothing departs from the ground of being. And that's the basic truth stated very boldly. The source of everything, Kuntuzangpo, bodhichitta, is the creator. Yet what is created never leaves the field of creation or the source field. So, appearances arise within bodhichitta and never leave it. "Nothing ever departs from the ground of being." Another way of saying that, is that nothing can be done that separates us from the bodhichitta. Maybe we can call guilt one of the defences of the dualising mind that attempts to makes us believe otherwise, that alienates us, makes us feel separate, cut off, like we have done something bad, and we have to go and sit in the corner as in infants school, and then the feeling of unity is attenuated. Guilt is delusion, it's just one of those defences of the intellect. Actually the corner that we have to sit in is still right in the middle of the bodhichitta. The nature of mind is inalienable! That means that any feeling of alienation is just delusion. Regardless of what appears, nothing ever departs from the ground of being. That is another joke! HA!

6. Then look at empty mind, the vision of total release. Look at rigpa, the vision of total release. Rigpa is the light of this moment, the here and now, the automatic release. This vision is a sense of an internal vision. And the gossamer wisps of the vision are the light-forms of thought and emotion for in the vision of rigpa we have realized the essential nature of the thought-concepts and the emotional poisons as clear light. This is very important I think we have spent more time with the concepts than with the emotions. But thought and emotion always go hand in hand. Dealing with emotional poison in the dzogchen semdzin, as in Tantra, we apply the antidote of awareness of sameness to emotion as it arises. But in tantra it's a skilful means done over a period of time wherein a transformation takes place. Desire becomes clear discrimination, anger becomes the mirror like awareness, jealousy becomes all accomplishing, pride becomes all providing, and fear becomes Buddha awareness, the basis of it all. It is transformed using the method of like cures like. Similar similibus curantor. Like cures like. It is not a Chinese idea at all, Greeks knew that, I'm sure. Certainly the Romans did.

Question: Pride becomes all-pervading or all-providing? Answer: All providing. Pride is the all-bountiful. Abundance. Cornucopia. Take a

little bit of the same nature as the disease and the harm is taken out of the disease. It's the homeopathic method. Engage in sex within the parameter of marriage and the sex/desire problem dissolves. That is the base of the bodhisattva practice. Play American football and indulge a little bit of anger and then we can go and party. And so on. But the big difference in Dzogchen is that there is no temporal process, it's immediate recognition. Why don't we use the word indulge here? A little bit of indulgence? That's tantra. It's not what we are talking about. If we can recognize the emotion as it arises, then we can use tantric method to develop it. In the semzin we look at the nature of mind in the emotion. We look at the colour. Watch the colour in the emotion. And that is the door to intuition of the nature of mind. We have done hours of this. The nature of the poison is its most effective antidote. Antidote is not such a good word here because the process is not of counteraction, not something acting against the poison – it's something that liberates it. Precisely, it is the nature of the poison that liberates itself. Look at empty rigpa. The nature of the poison is still rigpa, liberating the poison. And there is no process here. It all happens in the moment – immediately.

The process of liberation is happening unconsciously all the time. It's only when it doesn't happen that we become conscious of the need for it. When the attachment level reaches a threshold of awareness rigpa kicks in. Everybody has a different attachment threshold. If we don't have the vision of rigpa at the height of the attachment threshold the dualizing mind kicks in and we have an 'I' that is passionate and an object of passion and attachment, positive or negative, to that projection. Or a neutral response to passion is also possible. It doesn't matter whether the attachment is positive or negative love or hatred, the effect is the same. Question: so where is the joke? The punch line is: Every passion is self liberating. Every passion is self liberating since in this very moment there is an automatic function of release. And that automatic function of release is guaranteed by the empty rigpa within which the passion arises. Guaranteed. So what is the love that actually lasts beyond this moment? Isn't that the delusion of the dualizing mind attachment and its attachment? Question: the one that goes down the drain is the attachment? – The one that goes down the drain is the attachment? You mean the romantic one? Q: or the one constructed upon ideas? – You tell her that to begin with? Do you tell her that at the beginning? (laughs) For Dzogchen yogis the thing vanishes in the moment, so they can't promise anything beyond that. Is there something wrong here? Surely if she's a yogini that's the one she likes most. HA!

7. Then again "look at empty rigpa". This time "the essence of total purity". And "fruition is self-fulfilling", meaning that the starting point and the path and the goal are one in the fullness of the timeless moment. And therefore there is nothing to do. No development, no evolution, no maturation, beyond that. And in that unity Samsara and Nirvana dissolve. This makes Samsara and Nirvana the dualistic projection. This one is about the unity of Samsara and Nirvana, the constant unbreakable unity of Samsara and Nirvana -- actually we can never separate them. Now, the outer rushen is designed to make a distinction between Samsara and Nirvana, or where we are in contaminated illusion and what is freedom from transmigration. We need this understanding in order to do the inner rushen. It's not like we never knew Samsara and Nirvana. Rather there is always some kind of unity, oneness, whether we know it or not. Samsara and Nirvana -- they are always there but always they are dissolved into unity, into non duality. On a stupid level, on a level of non-understanding, we can say Samsara and Nirvana are one in order to justify self indulgent pleasure. So we have these dualistic appearances whether we like it or not, but constantly they are overwhelmed by their own nature which is clear light. We are the

nature of mind and these dualistic events arise momentarily and are gone. It doesn't mean that Samsara is Nirvana and Nirvana is Samsara. Rather there is no distinction between them. We've got the Buddha fields and we've got the hell realms, and they are all the same in the field of rigpa. 'I' am Kuntuzangpo, 'I' am the bodhichitta, and these delusory identities arise and fall into me, 'I' am the source of them and they dissolve into 'me'. Just take it as a discipline to redefine the use of the first person in the actual event. Yes you! Again, it's another way to completely forget the retreat. We go out of the retreat and all these associations with 'me' with the first person singular, come back and the identification with samsaric dualistic identities is again rooted. And that again is the root of the power of the dualizing mind. Maybe we don't do that actually in the conversation, we can but we catch ourselves in a dialogue with ourselves. When we identify with the first person who is the sad person in the human realm, look at what is the causal basis for that identification. By causal base I mean the notion that for instance I don't have enough money, I don't have enough love, I don't have enough light in this room, I've got an uncomfortable bed, the supper is giving me indigestion, whatever. And we throw that notion of I out of the window or we identify that I with Kuntuzangpo. Go through the analyzes of identity: who am I, just do that basic yoga that Ramana Maharshi taught, the nineteenth -- early twentieth century exponent of the Indian Hindu version of Dzogchen called Advaita Vedanta. It has a rather more rigorous philosophical base but essentially it's the same. Who am I? Just sit down and work on the identity quandary. Who am I? I am not my feelings, I am not my ego, I am not my super ego, I am not my emotions, I am not my memories, I am not who people think I am, etc. etc. Not the daughter of my mother. And not the daughter of my father. I am not this family defined person. Samsara is Nirvana. HA!

8. "Look at the abode of the ubiquitous ground," the ground that is everywhere. The ground of all the bodhichitta that is everywhere inherent. Look at that! Do that 360 degree contemplation and automatically the six kinds of beings appear as buddha bodies. That means: all sentient beings appear as buddhas because they have these three buddha bodies, the essence that is the empty, the nature which is clarity and the emanation that is compassionate. They all become buddhas at once without practicing even an instant of meditation. The essential distinction again between meditation and non meditation: meditation implies a subject that is doing the meditation, an object of focus and an act of concentration. The focus might be a candle flame, it might be a visualization, it might be the tip of the nose. Meditation is a process that takes place through time, whereas the contemplation we are looking at here, the vast empty essence, is a timeless experience. In that experience, I am it, and in that knowledge the realm in which was the starting point is transformed into a buddha field. So we come to the hellish buddha field, the hungry ghost buddha field, the animal buddha field, the demonic buddha field, the divine buddha field of the gods, and the beings existing in these realms, all the beings in those realms is buddha. Thus by this natural contemplation and realization of the nature of the mind, by relaxation into the natural state, we come to the contemplation of the reality that is like the sky. The 360 degree gaze into rigpa. In this way there is recognition of beings, of the six kinds of beings as buddhas. HA!

9. This one is a little more complicated. It says in effect, look at the vast emptiness of the three buddha bodies, which are always there, and past present and future can not be united nor separated. Past present and future, the divisions of time, cannot be said to be one and they can not be said to be separate either. So you see the rather subtle distinction is not between

time and timelessness, but between time and no time, and reality, which is the timelessness of the buddhas three bodies. So thereby, without practicing the bodhisattva discipline of the six perfections, the accumulations of virtue and awareness are completed at once. Everybody knows the six perfections? Morality, patience, generosity, perseverance, meditation and concentration. These are the ways in which the bodhisattva generates the habit of virtue and awareness. Perfection of form, personality, and conduct, and social interaction – that's what we call virtue; and awareness is an understanding of the nature of the mind. Reach critical mass, then the bodhisattva becomes a buddha. Without performing these six perfections through eons of practice wherein the mind is reconditioned, critical mass is achieved in the moment – not once so that thereafter there is some similar reflection in succeeding moments, but in every moment. If you follow that, you have the key to this joke. [is the definition of time which seems again to imply the presence of past present and future, and yet they are out of the moment or it's neither existent nor non existent, which makes it immanent.] Time: it's not that there is no time, and certainly it's not that there is linear temporality. By defining time as present in the moment, then past present and future, neither separated nor united – because of that definition – the two accumulations, so called relative and absolute, are simultaneously realized in the moment. The joke lies in the previous statement that we all become buddhas without a moment of meditation, that we all become buddhas immediately without the necessity of any kind of bodhisattva practice. We have been practicing in the bodhisattva path for eons. That's a big joke. HA!

10. Then "look at the homogenous vast emptiness of simple rigpa." All the goal-oriented action that we are told to dissolve in non-action always arises as 'ornamentation'. [Rigpa here is said to be simple and of course this is the basic definition of rigpa. ...? rigpa is a non starter.] We can't say anything about rigpa. Rigpa eats concepts. Rigpa eats labels. It's never just a question of a simple concept or a simple matter – rigpa is simplicity itself. While in this ocean of simplicity the dualistic mind sets a goal, a destination, out there somewhere, and then defines a path and a method of traversing it and then begins its endeavour and striving, and all of that is just ornamentation. It reminds me of that Japanese zen painting of the wave that is just breaking and then there is like a line of foam, a droplet, just in front of the breaking wave. It looks like that line is separate from the ocean but it is not of course. There is a circle in the breaking of the wave [and in that moment droplet back into the ocean] which is homogenous throughout. And there every discriminating perception is released. Here the dualizing mind is a friendly helper. The intellect itself is rigpa. The nature of mind is inalienable. Not only the duality is created by the intellect but the intellect itself is inalienable from the nature of mind. So, what is the purpose of this seminar, you might say. There is only one thing to say really – It's all rigpa. It's impossible to be anything else than enlightened. I think this is a fine joke. HA!

11. Then look at the emptiness of emptiness. If we fail to understand the nature of mind as emptiness, fully, experientially, and there remain, only the concept of emptiness will arise. Seeing the empty nature of that, there is emptiness where there is no possibility whatsoever of even the finest kind of distinction – differentiation – arising. In this ultimate emptiness we find that the buddhas are falling into an abyss. Why did they fall into an abyss? Because they tried to meditate. We cannot deny the seriousness of Longchenpa for a moment. What does it mean? First of all we are making clear that what we are looking at is the ultimate of the absolute. But then when we talk about it we use the word buddha and simply using this label implies a subtle duality. It implies a subtle distinction between sentient beings and buddhas. It implies a trace of aspiration. Even the label

'buddha' itself implies a setting apart. It implies that buddhas are products of the very fine conceptualizing of the intellect. It's these buddhas that fall into the abyss. It's any kind of conception whatsoever. Like the final plea for spontaneity and unity that are part of the samaya, remember? In the dissolution of the last trace of dualistic thought, then arises spontaneity and totality. And if there is a practical lesson to be learned on our level from all this, it is: don't substantialize buddhahood by metaphysical formulation or buddhist gossip. We had a laugh about that didn't we? HA!

12. Then finally, the last laugh. Look at non-empty, substantial emptiness. This is where non-existence – absence – is believed to be a self and that is in the paradise of Shiva. Or it is in the eternal realms of the god of the Christian paradise. 'Self' implies substantial emptiness that is believed to be eternal. And this is in the higher realms of the gods, the god of love, the god of power, the god of consciousness, consciousness as something substantial and eternal. But, since it is conceived of as something substantial, it implies a beginning. 'Self' has a beginning then it has a middle then it has an end. The gods of Christianity and Hinduism will pass away, and it is therefore pure delusion. Although you may take refuge in Shiva, or in the god of love, as something substantial and eternal, actually there is only absence there. So they are taking refuge in a self and we are taking refuge in the unborn state. HA!

There are the twelve vajra laughs. Maybe before we leave we will work out doing the whole twelve together. I mean in chorus. Of course if we don't maintain, then we break a samaya, I'm sure. Question: what do you maintain? Answer: The energy level. You fall immediately in a deep hell. I'm suggesting we have to be ready for that. Let's do the Vajra Song.

WELCOME TO TIBET HOLYLAND

57 min

Vítor Pomar 2007

Interview with Keith Dowman

1. The ultimate view of Dzogchen is that there is no distinction between obstacles and non obstacles of course.

Whatever arises in the mind has the same potential for illumination.

The awareness inherent in every perception inside or outside is identical, is the nature of mind, it's *rigpa*.

In the process of recognising emotions AS the nature of mind, there is a certain release of energy.

In the process of recognising negative emotions as pure awareness, there is energy released and that energy is the dynamic of mind.

Because this is understood as pure awareness, it's radiance, a positive radiance and light. Emotion is something not desirable exactly but certainly acceptable, totally acceptable.

That goes for all emotions whatsoever.

Usually in Buddhism we simply identify five particular syndromes as emotions.

The anger, the desire, the pride, the jealousy and the fear.

Positive emotions are in a different category actually.

It's those five, which in the recognition of their nature as pure and clear and compassionately motivated, in that recognition, that's where the *rigpa* lies.

In Ati yoga the distinction is not made between the wisdoms. There is only one wisdom and that is pristine awareness itself.

2. We had a very good day yesterday at the termination of the kora.

Termination is not such a good word but the consumation of the kora, the closing of the ring of the kora.

It was a little bit demanding, with the rain and the wind.

We had a couple of casualties that last day.

But over the lake of awareness and the mountain of skilful means there was the rainbow, and the Guru Rinpoche Cave, Guru icons and the bathing in the lake and the vibe was very high and satisfying, there was a certain degree of closure there..

In the principal part of the pilgrimage, yes of course the going and the coming that was also important, but those actions around Kailash and at Manasarovar were very satisfying.

Different meanings for different people.

Of course we are not trying to impose a single pattern upon all the participants.

Different people got different things out of it and actually of course they had different expectations.

They physically got around the mountain and that is not to diminish the physical experience at all.

Of course it is unitary experience when you look at it from the point of view of body speech and mind.

You see yourself as a pilgrim or as a striver as a seeker or as a bodhisattva or as a yogi and this kind of experience, this kind of pilgrimage confirms such a vision of oneself, whatever that may be, not necessarily high Buddha-hood but it confirms a certain Bodhisattva level for example.

But the pilgrimage itself is capable of disintegrating that duality or dualism paradigm, yes.

And if that had occurred in the minds of some of the participants, that would be a wonderful and very positive product because then you have got the intuition of the non duality of Dzogchen

But I like that analogy from René Dumal, I think it was, that enlightenment or realisation is arriving back at the starting point and recognising it for the first time, or was that T. S. Eliot?

By a per force, this union is made between the physical and the spiritual and that is what we set out to achieve right from the beginning.

From their arrival in Lhasa there was a unity of ordinary daily events and misadventure and spiritual life and non separation of these two things.

Any kind of spiritual life you can separate from the ordinary daily round is to be cut off.

Once you know the identity of awareness and form, in a formless experience, then you can do that anywhere, you can take it anywhere. It doesn't matter whether it is Tibet or New York, it is still the same kind of human experience, it can't be different you achieve some kind of realisation in this totally alien environment, free of your old habits, and you go back into the old environment and nothing has changed .

Why the sadu or the Buddhist monk loses his name, loses his family, loses his whole family history, and his social history and he takes to the cave in order to free himself of all that genetic, can you say genetic? all of that conditioning.

I said confirmative and if confirmative could actually include some sense of awareness of the old environment of the old milieu, then you were ahead

3. Transformative: that doesn't necessarily mean the total change of the environment.

Transformative, that means transformation from darkness to light or from stupidity into some attention and awareness, or from ignorance to wisdom.

Better.

I think it had very many aspects to it, but probably the one that was the closest to the frame of my mind was the sense of this pilgrimage to Kailash as a close to death experience.

The climb up to the Drolma-la as a reflection of a death experience.

The pilgrimage as an entering into the bardo.

You can get that experience in various places but the pilgrimage has an extension through days and goes through various degrees and stages.

In this way it's like a near death experience where one's karma comes home to hit one...

The stuff that arises in the mind over those days, particularly at times of complete exhaustion, the stuff that arises in the mind completely uncontrolled, unfiltered, it is a kind of karmic uprisings and reflections of one's life.

Q.: How can we handle those karmic up risings?

The same way we handle any others:

still watching the nature of mind, that's the only instruction, without any inhibition, without any cultivation, simply to watch whatever arises in this clear pure nature.

That's the instruction in life, in death, in meditation, in the bardo, in every situation whatsoever, in pilgrimage too.

4. In the 360 degree view there is no shadow.

It's the view of a plenitude, is the view of completion.

And yes, I suppose the 360 degree camera view is a paradigm of that except of course that reality is constantly changing.

It is what I label radical dzogchen.

It seems to me that in his '*Neluk Dzo*', Longchen Rabjampa collected the verses, the precepts that most clearly and most incisively indicate the nature of the non dual Dzogchen realisation.

In the Flight of the Garuda, yes there are wonderful verses in there but it is a preparation, an introductory kind of text not something that gives you whole *lung*...complete.

There maybe other texts that have the same force as the '*Neluk Dzod*' but this is the one that I have come across and which I spent my time with.

As for Vairotsana, yes, those verses...

What appeared to those VIII century Tibetans as having most influence of them in all the scriptures that came from India ... really subsumed their reality in the way that was perfected.

There may be some discipline, some dialectics some manner of thinking or arguing that man has devised in his eyes periods of some civilised expression that is similar to dzogchen or fulfils a similar function.

Dzogchen is what we've got here and has been given to us as living tradition by the Tibetan lamas at the end of the XX century and which we can work with.

This is the significant fact about dzogchen.

I think in this period of the coming out of dzogchen, the last 30-40 years, the main necessity has been the translation of authoritative texts rather than the subjective rendition by a limited mind coming out of another culture.

Of course there has been some turning of the text in the translation, that's another argument, but it is important to be able to show what dzogchen is, fairly closely to its origins.

And next generation can start refreshing it according to the cultural requirements and more linguistic means.

Maybe we shouldn't under estimate the degree of subjective interpretation that goes into translation, particularly in a language like Tibetan or Chinese.

It is not so in Sanskrit or in any other Indo-European language is not so much opened to that kind of subjective interpretation.

Other translators will see a lot of me in my translation that was not in the original.

5. Q.: Does the situation in Israel gives a very powerful look into the teachings and the practice, the fact that there is such a complicated situation and intense? Is there a special meaning for you, going there to teach?...

I wonder, on the conceptual level yes, of course.

It's the Judaeo-Christian tradition that has created so much misery out of its dualism.

That's a point of argument in some larger discussion.

When you actually go to Israel you are talking to ordinary people, they are not down in Gaza shooting up the Arabs daily, they are just trying to get on with their lives, with the same kind of ... we have in Europe.

That's the context of me teaching there.

Generally I go where ever I'm invited.

There is an intensity there...

People are not projected towards Buddhism out of a heightened awareness of the nature of reality created by the conflict.

Don't think that's how it is.

Rather they get hankered down in their own little dogmatic caves, sounding out.

6. I simply have to realise that the strata of society which I actually hit in Mexico was the very fine segment of the whole pyramid of society there and this strata is avantgarde, intellectual, highly aware, freeing itself from Christian roots, all kinds of culture.

For me, I'm looking rather beyond this little segment and looking through it at this much broader sweep of mind, of culture and awareness & that's very interesting.

It got its zing in it. I don't think necessarily that Mexicans are really unaware of it.

The Europeans coming to Mexico get a hit of Mexico...

Mexicans are really unaware of because of this cultural mix the infiltration of the ancient civilisation of the modern colonial European.

It's very exciting for someone coming in from outside.

I'm not sure that dzogchen in its original Tibetan form is large enough to catch a large segment of Mexican society.

I think the way that we going in Mexico is the assimilation of some of the Indian roots, is a much more viable mode rather than this very pure Dzogchen Ati Yoga.

I mean the assimilation of the psycho-tropic experience within the whole religious experience of Buddhism, in Buddhist context.

But this of course is very controversial.

Very interesting though and quite exciting.

Mexican Buddhism needs to be separated from American, European and Asian Buddhism.

It needs to develop its own particular forms.

That is not so easy because it will be constantly bombarded from outside by other approaches.

Why have the mosquitos disappeared?

Just a few spots of rain and they vanished.

CATÁLOGO

Produção
Fundação D. Luís I

Textos
António d' Orey Capucho
Delfim Sardo

Consultora de Projecto
Maria do Céu Baptista

Fotografia
Catarina Costa Cabral

Videos
(Finalização e Legendagem)
Max Rosenheim

Impressão
Grafilinha

Tiragem
500 exemplares

ISBN
978-972-8986-15-5

Dep. Legal
270 959/08

Agradecimentos
Alda Cortez
Graça Vasconcelos
José Eduardo Reis

EXPOSIÇÃO

Produção/montagem:
Fundação D. Luís I
Maria Amaral Teixeira
Nuno Lemos
Rita Ribeiro da Silva

Apoio



Mecenas Permanente



Colaboração



THE
UNITARY
MOMENT
IS
ITS
OWN
REWARD

TWO PEOPLE &

